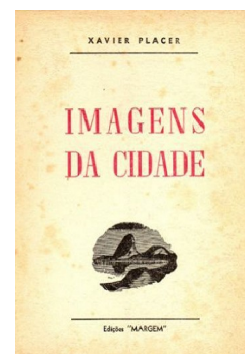


ÍNDICE

Apresentação de Otto Maria Carpeaux
LE COEUR CONTENT...



I - ASFALTO

Homem debruçado sobre a tarde
Jardins suspensos
Percevejos e homens
Domingo à tarde
Rua
Cais

II - ADJACÊNCIAS

Subúrbio
Manhã na Ilha
"Nal ! Nal ! Nal !"
Minha cidade
Velhas casas
Contrastes

III - INSTANTÂNEOS

O camelô
Um bibliômano
"Destes é o reino dos céus"
Dona Candinha
Anúncios
Zona Sul

IV - SILHUETAS

Adolescentes
Flor obscura
A partida jogada
Solange
Essa que ora aí vai
M. P.

V - FUGAS

Carnaval
Literatura de cordel
Mangue
Os desaparecidos
O circo
Natal

Edições MARGEM - 1952

Orelhas do livro

Acabou-se de imprimir este livro - IMAGENS DA CIDADE - em março de 1952, nas oficinas gráficas do "Jornal do Brasil", à Avenida Rio Branco, 110/112. Rio de Janeiro.

O carioca típico talvez não queira saber dos hinos que estrangeiros interessados cantam às belezas da Guanabara, ao Pão de Açúcar, ao Corcovado e o resto. Pois bem, hoje sou, graças a Deus, carioca adotivo. Quer dizer, nunca estive no Pão de Açúcar nem visitei o Corcovado. Nem fui jamais a Niterói. Em compensação, Niterói veio visitar-me.

Chegaram-me de Niterói os originais das "IMAGENS DA CIDADE", obra de quem já é conhecido como poeta de ficção, tão poeta que não precisa ter receio de escrever em prosa.

Poeta, Xavier Placer é; mas certamente não é poeta no sentido vulgar da palavra. Não é um exaltado que vive em raptos de imaginação meio divina, meio maluca; tampouco uma cabeleira desesperada, candidato permanente ao suicídio. Não é romântico. Muito menos é burguês disfarçado de romântico. É trabalhador consciencioso. Não improvisa. Não admite a eloquência fácil. Escreve estilo depurado, dir-se-ia destilado, estilo de essências que mais esconde do que revela os sentimentos subjetivos. Se tem medo de alguma coisa, então será o medo de despir sua alma. Mas sabe revelar as almas das coisas e das casas; as almas das criaturas e das ruas; a alma da cidade.

Não acredito cometer uma indiscrição ao citar os dois poetas que o próprio autor das "IMAGENS DA CIDADE" considera como seus modelos; Aloysius Bertrand e Baudelaire, o Baudelaire do "Spleen de Paris". São os criadores do poema em prosa. Mas não criaram o assunto. As primeiras imagens da cidade de Paris, embora menos poéticas, talvez sejam as que escreveu Rétif de la Brétonne. Nos manuais de história literária seu nome apenas sobrevive como o de um precursor do naturalismo. Mas Rétif de la Brétonne também foi, nas entrelinhas de seus romances meio grosseiros, porta. Só um poeta era capaz de escrever a frase seguinte: "Que de choses à voir lorsque tous les yeux sont fermés!" Sei bem que o cronista da vida noturna de Paris apenas quis dizer, com isso, "de noite" substituindo a palavra por engenhosa antítese rousseauniana. Mas nós outros hoje, o entendemos melhor do que ele mesmo se entendia: o poeta fecha os olhos para ver. Poeta assim, em prosa, é Xavier Placer: fechando os olhos para ver as imagens da cidade.

Definem-no o primeiro subtítulo e o primeiro sub-subtítulo (perdão!) do livro: aquele, "Asfalto"; este, "Homem debruçado sobre a tarde". Eis a antítese poética que compreende os dois aspectos opostos de "IMAGENS DA CIDADE". As imagens debaixo daquele título são porém sintéticas. Sintetizam, objetivamente, a vida da cidade. Não sei, nem me caberia indicar aqui, quais são as melhores. As mais características talvez sejam as que descrevem uma mulher tuberculosa ("Flor obscura"); o último ferrador ("Contrastes"); e as linhas ("M. P.") dedicadas a um amigo perdido. Essas e outras imagens, embora pareçam instantâneos independentes, só revelam seu verdadeiro sentido dentro do quadro panorâmico deste livro muito organizado. Isoladas, parecem-se com versos rimados que o vento da vida baralhou. Mas formam, juntas, o caleidoscópio poético da cidade.

O Rio de Janeiro que existe dentro deste livro não é apenas a cidade maior e mais típica do Brasil; é a imagem fiel de todas as cidades brasileiras, sobretudo das provincianas e inclusive do Rio de Janeiro provinciano que já se foi. É, talvez, a imagem de todas as cidades provincianas do mundo cujo provincianismo está agonizando. Pois quem fixou estas imagens não é um regionalista de paisagens urbanas. Contudo, a poesia não admite as generalidades; uma suprema lei lhe manda ficar, sempre, concreta. Daí nosso autor não inventou uma cidade nas nuvens. Seu Rio de Janeiro existe. Até Niterói existe. Voltamos para a terra, ou antes, para as águas onipresentes desta nossa terra. A paisagem inconfundível das "IMAGENS DA CIDADE" é a baía de Guanabara.

Talvez se encontre, um dia, alguém para escrever a história literária da Guanabara, dos hinos balbuciantes dos primeiros românticos através das alusões veladas de Machado de Assis até as confissões de Lima Barreto. Pois bem, em uma das "IMAGENS DA CIDADE" ("Adolescentes") aparece a sombra de Machado de Assis; desaparece logo, assim como é, aliás o hábito das sombras. Quanto aos dois citados polos de nossa história literária, já se disse que nosso Placer não é romântico; por outro lado, não deverá haver, na literatura nacional inteira, escritor algum com que ele se pareça menos que com Lima Barreto. Talvez nem goste dele. Mas eu gosto, e não posso resistir à tentação de citar a "Vida e morte de Gonzaga de Sá": "Saturei-me daquela melancolia tangível, que é o sentimento primordial da minha cidade. Vivo nela e ela vive em mim".

Muitas vezes já repeti para mim, essa confissão comovida. Hoje também, num domingo longe da Guanabara e das suas belezas tantas vezes cantadas com acentos tão falsos, digo aquelas palavras, de olhos fechados para ver, para ver as imagens da cidade. Nunca mais as esquecerei, enquanto esses olhos não se fecharem para sempre. Carioca como sou, não admitindo a independência de Niterói, anexeí para a minha cidade o autor das "IMAGENS DA CIDADE": meu amigo Xavier Placer. Devo-lhe uma recompensa,

evidentemente. Mas só posso dizer: obrigado, querido amigo, obrigado por este seu livro.

OTTO MARIA CARPEAUX

RIO DE JANEIRO
COPACABANA, MARÇO DE 1951

LE COEUR CONTENT, JE SUIS MONTÉ SUR LA MONTAGNE
D'OÙ L'ON PEUT CONTEMPLER LA VILLE EN SON AMPLEUR.

Ch. Baudelaire, *In Spleen de Paris.*

I

ASFALTO

HOMEM DEBRUÇADO SOBRE A TARDE

Há dias em que vemos a descoberto a urdidura do tempo.

Joaquim Nabuco, *In* Pensamentos Soltos.

NOS longes do mar, esquadrilhas de gaivotas faziam evoluções em largos remígios. Cúmulus encastelavam-se no horizonte sobre o vulto assombrado das montanhas. Vela branca deslocava-se à esteira plúmbea da água, levemente encrespada. Havia ainda, menos distante, um renque de palmeiras a baloiçar os verdes leques na perspectiva infinita.

Súbito, pondo uma nota de religiosidade na paisagem, soou um lento badalar de sino. Seis horas. Era o **Ângelus**.

FOI esse toque que tirou o homem do ensimesmamento em que mergulhava, sentado naquele banco da Glória. Que fazia ali? Na verdade dissipara à toa aquele dia. Como tantos outros, ultimamente. Certos novos dias viriam, cobrindo com a pátina do esquecimento aquela separação. Mas compreendia isto com pensamento abstrato, pois hoje a ausência doía. Por quanto tempo ainda?

Teve um gesto de indiferença, como pessoa que trocou um mal irremediável em secreto prazer, e dilatou os olhos para o quadro que se descortinava ao redor de si. Lá estava, à esquerda, a colmeia de arranha-céus da Cinelândia, crivados de janelas, que não tardariam a iluminar-se. A cidade. Sim, a grande capital, a Urbs, a Metrópole de dois milhões de habitantes. Fronteiro, naquela ponta de terra, o bloco cor de cinza da Escola Naval a posar em silêncio. Aquelas manchas reluzentes. Conhecia-as: eram os gigantes de alumínio, pousados em linha ao longo da pista cimentada do Aeroporto Santos Dumont. E ao fundo, entre as dobras da montanha, lá estava Niterói, ou mais exato, Icaraí, São Francisco, Jurujuba, passeios sentimentais de outros tempos, ela derreada em seu braço... Naquela altura era mar alto. Não podia ver dali, mas à direita erguia-se o Pão de Açúcar, a Urca, e continuando, estendendo-se além, o Cristo Redentor abençoava a cidade do pedestal do Corcovado.

Envolveu tudo num olhar, e, por instantes, abstraiu-se contemplativo, esquecido de seus motivos. Considerava a paisagem vespertina como a tentar apreender a **impressão viva**, a **nota íntima** equivalente que ela refletia no fundo de seu espírito.

- Tarde incomparável, tarde divina e efêmera, aqui estou diante de ti. Mas na verdade não és minha. Ou pertences-me apenas de certo modo: projeção de mim mesmo, ser complexo e desgraçado. Quisera-te, porém, de outra maneira. Quisera-te no que és em teu mistério de cor e forma. Em ti mesma, sim, e não como espelho de minh'alma, não como imagem sublimada, síntese de outras muitas tardes que não tornarão nunca mais. Estamos sentenciados a jamais nos aproximarmos: tais as nossas essências fundamentalmente opostas, irredutíveis, talvez no fundo inimigas. Miseráveis que somos (falo de mim, não de ti), dissociamos quando tocamos e não apreendemos das coisas senão aspectos fragmentários, esboços de originais... Sonâmbulos. Que fazemos? Estamos no tempo. É um agitar-se, peixes cegos, em aquário. Águas turvas. Batemos contra as paredes, e dá-nos a dor a certeza de que existimos. Loucos, inflamamos o peito e tomamos ares de atores. Comediantes. É o que somos Comediantes. Está aí a nossa forma de nos acreditarmos senhores do universo. E amanhã novos farsantes virão ocupar a ribalta, para enfermar de igual doença. Ai de nós, vítimas do mal sem remédio do eterno divórcio entre os seres e as coisas, entre uma alma e outra alma...

E em seu coração agravou-se aquele magoado sentimento de abandono, exílio e solidão...

APÓS uma série de lugares comuns, a voz do **speaker** silenciou no rádio do bar próximo. Agora a **Ave Maria** de Gounod solenizava a melancolia da hora. Suas notas, plangentes e doces, insinuavam-se entre o rolar dos bondes e ônibus. Quedou-se a ouvi-la.

Cessada a música, levantou-se resolutamente, relanceou um olhar pelo jardim solitário e, cabeça baixa, dirigiu-se para o lado do mar, andando ao acaso, sem rumo, na tarde agonizante, a murmurar uma frase (seriam versos?) que lera não se lembrava onde, nem de quem: "E por toda a parte Ceres contempla a profunda humilhação do homem..."

JARDINS SUSPENSOS

Todo él que ama su jardin crea en él algo nuevo - que no ha de ser precisamente producir una nueva planta, o una nueva especie, cosa que no siempre es posible - sino una belleza para su exclusivo goce, que nadie sino él sabrá ver y comprender.

In El libro de los jardines.

CANTEM outros as claras praias do Rio, rendando o sopé de suas montanhas; cantem outros a geometria de seus arranha-céus, mal disfarçando a desordem tropical; quanto a mim, cantarei apenas um detalhe da MetrÓpole. Em prosa simples, como convém, louvarei os seus jardins suspensos.

Jardins suspensos? Sei que nada têm com os outros, os clássicos jardins de que nos fala a História, senão que, como aqueles, se erguem em alturas. Mas nem por isso, penso, menos digno de atenção. E sobretudo, tenho neles a minha última "descoberta". Que tão longe estamos sempre dos seres perto dos quais vivemos, tão raro vemos as estrelas, as fiéis estrelas.

ANDARAM a podar as árvores do bairro. Ficaram desnudos, devassáveis, os edifícios. Alinham-se ao longo da rua os apartamentos, essas modernas habitações coletivas, onde toda uma classe média se aglomera com pretensões altíssimas. Ergue os olhos para aquele quinto ou sexto andar. Repara: não é um simples amontoado de jardineiras, vasos, **cache-pots**; há ali um arranjo, há ali uma intenção. Nada foi esquecido ou posto de lado como inútil; cada minúcia, sabiamente chamada a colaborar, deu em resultado esta disposição

de elementos que, olhada de baixo, agrada sem explicação. Simetria e variedade: harmonia de conjunto.

Exatamente como na arte. E não há negar que estamos diante de uma arte **sui generis**; como todas as mais, atividade de raros. Para o olhar do locatário comum, tão acanhado e inconfortável espaço de nada aproveita. Ou se alguma coisa vale é para assestar o binóculo indiscreto sobre a vida dos edifícios adjacentes. Já os amantes das flores - e eu imagino tipos mais ou menos solitários - têm outra visão. E em pequeno ângulo de duas paredes, em exígua sacada, sob toldo de lona, criam essa miniatura da natureza, lírico refúgio em meio ao cimento armado, ao asfalto, à civilização.

É de vê-los, manhãzinha, burguesmente em pijama a lidar entre as plantas. Com que desembaraço se movem! São-lhes todas familiares, conhecem de cor a biografia de cada uma. Veem ali aquele cactus viçoso, pronto a desabotoar em flor? Pois meses atrás era uma planta mofina, que mãos menos pacientes teriam lançado fora... E o trabalho que lhes dão as suas avencas, finas quais rendas, amigas da sombra como certas almas... Já os tinhorões de largas folhas manchadas e as crespas samambaias, como as palmeirinhas, nunca exigem cuidados. É verdade que não dão flores, não é esse o ofício delas. Como certas criaturas: decorativas, ornamentais. Flores eles as têm: cravos, gerânios, orquídeas... As orquídeas, as proustianas orquídeas! Pendentes de suportes engenhosos, descem no meio da área em lustre natural. Não, não estão ociosas. Observa como se inclinam com abandono, como parecem assuntar o ambiente em atitude de feminil expectativa. A espera de quem?

Mas a luta do dia-a-dia solicita o amigo. Forçoso deixá-las, hoje não pode ficar, como aos domingos e feriados, na amável sociedade delas, a ler o "L'intelligence des fleurs", de Maeterlinck, ou simplesmente a gozar a volúpia da soledade e do sonho. Não importa; à tarde, de volta, após um dia de canícula e trabalho, tê-lo-ão de novo. Com que sede bebem a água fresca! E há sempre um cuidado a dispensar: revolver a terra, retirar folhas secas, podar uma haste ressequida, debelar um princípio de praga ou doença. Nem se julgue que toda essa dedicação fica sem recompensa. Certo, não lograrão nunca - de resto, quem sabe? - um espécime de tulipa negra ou da inexistente dália azul, quimera de poetas; em compensação, quando a atmosfera se afina, ao descer a tarde, é aquele perfume, aquela fragrância, tanto mais doce quanto mais sutil. A Alma vegetal das flores expandindo-se na noite... Isto, e um pouco mais: a gratidão das mudas criaturas ao amante, ao amigos de mãos de pluma, ao amigo.

PERCEVEJOS E HOMENS

... Quién afirmaba que todo esto tenga argumento y que la naturaleza se proponga algo más que derramar su potencia creadora sobre el vacío del tiempo?

Salvador de Madariaga, *In* Guia del lector del "Quijote".

MANHÃ de domingo. Eis-me, andando ao acaso, numa dessas praias que são o orgulho da terra carioca. Languidamente estirados na areia, ao sol, homens, mulheres e crianças. Quantos? Difícil contar. Sim, são muitos, são numerosos.

Agora disse-me: é lá possível passar de olhos fechados ou indiferentes ao espetáculo? Não, não me refiro à exaltação pagã de vida que se vê aqui. Porque afinal isto é apenas um aspecto da realidade. O lado da luz. Mas há o lado da sombra. Não entendeis? Uma coisa vos digo: aprofundai, aprofundai um pouco o olhar. Aliás, bem considerando, talvez só haja este. O lado da sombra... Já agora não tenho a menor dúvida: o outro é ilusão, só há o lado da sombra.

DESÇAMOS à areia. Ali está, sob a barraca elegante, aquele grupo. Possivelmente terão outros nomes, mas conjecturemos: Jorge, Suely, Mário, Regina...Contemplemo-lo. Que animais de raça, que correção de linhas nos seus corpos jovens! Que obscuro labor através de gerações para chegar a essas obras-primas! Vida é muita coisa, mas é sobretudo movimento. Belos e

fortes, são criaturas organicamente ativas: Jorge orgulha-se de levantar pontes e abrir estradas, e planeja uma viagem de aperfeiçoamento aos Estados Unidos; Suely fala francês e castelhano, em breve dominará o inglês, e nas horas vagas sonha a glória do teatro; Mário, em três dimensões, só viaja de avião e fecha por telegrama negócios que lhe rendem milhares de cruzeiros, enquanto Regina, gorda e fiel, procria filhos que os continuarão...

Dir-se-ia que estas criaturas são os verdadeiros donos da vida, feitas para durar mil anos. No entanto... Segunda-feira, dia aziago, vejo o rosto desesperado de Mário dentro de um quadrimotor, que no nevoeiro do aeroporto se precipita ao solo, cego e fatal. Terça-feira, nas páginas dos vespertinos, esta mesma Suely, que falava várias línguas vivas, sonhava a glória do teatro, sorri numa fotografia recente. É que por motivos íntimos, sem explicações maiores, Suely abriu o gás no apartamento, onde foi encontrada trinta horas depois. Quarta, feriado mundial do Trabalho, não haverá jornais. Mas quinta-feira, uma reportagem exclusiva de matutino informará que Jorge, "segundo acusações de pessoas da família da suicida, foi detido pela polícia como possível **pivot** do gesto tresloucado da indigitada Suely". E Regina? Desta certo nada se saberá, que as gordas Reginas jamais tiveram história...

Jorge, Suely, Mário, Regina... E assim toda essa multidão que se aglomera na praia, aparentemente sem problemas, eufórica, feliz. E assim milhões, centenas de milhões. Na guerra, como carneiros para a carnificina; na paz, como cegos entre cegos, ao longo do tempo implacável...

Pensar que em alguns anos, menos até do que eles próprios supõem, nenhum existirá! E pensar que nenhum deixará um traço da sua passagem. Um eleito, quem sabe, fará exceção. Quão breve será esquecido, por fim, esse escolhido! E por que existiram, para que existiram?

NATUREZA, ó Natureza! Como és pródiga e avara a um tempo. Os percevejos. Olhamos com sublime desdém para a ínfima criatura. Que diferença entre ela e o homem? "Reis da criação" na linguagem bíblica, que somos senão asquerosos bichos da terra a assolar com tenacidade a superfície de um universo que nos repele, esmagando-nos? Ó cárcere, ó mistério, ó monstruosidade! Quem perscrutará um dia os teus desígnios? Ou acaso não os tem? Ou acaso esta mesma consciência é ainda a suprema extravagância, a suprema enfermidade, a ilusão maior?

DOMINGO À TARDE

Como que, interrompida,
a correnteza da vida
fez neste ponto um remanso.

Vicente de Carvalho, *In* Poemas e Canções.

SENHOR, a melancolia de certos domingos à tarde, na minha rua! Cai um crepúsculo roxo no alto dos morros escavados. Nem um bulir de ramo, chiar de cigarra ou asa no ar morto do fim do dia. Se ao menos chovesse... Rádios calados, janelas fechadas. E sobretudo a impassibilidade das fachadas, simétricas, incolores, verticais, absurdamente verticais na meia sombra... Certo, é a rua mais triste do universo. Nem sei que venho fazer aqui, à varanda, entre samambaias, com este meu esquivo ar de pássaro enxotado... Sou um fardo para mim próprio neste domingo abandonado.

PASSARAM na calçada do outro lado. Pendurada no braço dele. Já moraram no 45, meus vizinho. Conheço-os mais do que poderiam supor. É um apaixonado da mulher, adora-a. E queixa-se a toda a gente de sua frieza: "Lisette é tão distraída". Que imbecil o homem que ama... Provinciana, não saciada ainda do Rio, maravilhosa cidade que durante anos adivinhou através de revistas, ela adora **shows** e praia; o **flirt** tornou-se alimento vital para a sua natureza, e não quer filhos. Vão ao cinema. À saída do espetáculo entrarão na "Brasileira". Ela olhar-se-á todo o tempo ao espelho; calado, ele ingerirá um creme com ameixas e pedirá água gelada. Depois convencidos de que se divertiram, recolherão à casa. Felicidade conjugal.

É um abuso de ser loura... Ou não era Cacilda? Ela, sim. A filha do dr. Pereirinha. Vai ao **footing** na Praça. Como foge o tempo. Ontem ainda uma criança, eu a prepará-la para o exame de admissão, e já moça, mulher feita.

Estou velho. Exagero chamá-la sardenta, mas esta pequena lembra-me o epigrama à "camélia melada" de Cesário Verde. Essa é uma camélia que diz **de maneiras que**, só se expressa em gíria, acha Stefan Zweig formidável com muitos r r, e estuda inglês no Berlitz por causa da pronúncia americana. Aniversário. Onde? Talvez de criança. Chegam-me vozes e acordeão:

**Parabéns para você
nesta data querida...**

Um vulto. Mais rápido do que a minha aborrecida curiosidade. Ruídos de areias pisadas, seus passos perdem-se ao longe. Deixou-me todavia o gesto de atirar fora o cigarro. Não me levantarei para ir ver. Que importa! A pequena ponta queimada ali ficou: volutas de fumaça alvacenta. Como sobem, serenas! De quando em quando, batidas pela aragem, ondulam lembrando esguias hastes de flor que se volatizassem. Se não a esmagar estúpida bota de novo passante distraído, vai arder até o fim, extinguir-se ali. Então poderei me levantar para ver de perto. Onde? Na asa do avião ou no tórax possante do super-homem que os meninos garatujaram, a carvão, pela manhã - uma minúscula mancha de cinza. Aquilo foi a ponta de cigarro. A pequena ponta queimada que o desconhecido atirou fora, depois de ter sorvido, como de um fruto diferente, a última possibilidade de prazer... Mas, além de mim, quem seria capaz de identificá-la? E isso enquanto a chuva não vem, porque depois a água lavará implacavelmente a calçada, apagará os desenhos dos meninos, levará tudo... Grosseira imagem; eis, porém, o que faz o Tempo conosco. Com os nossos afetos, com os nossos amores, e - oh dor! - com a nossa ambiciosa mocidade. Ai de nós, ai do nosso ardente, impossível sonho de Eternidade!

ESTOU insignificante, niilista, a alma do Marquês de Maricá meteu-se em mim esta tarde. E obtuso, espesso. Nem devia ter vindo para aqui. Para que enganar-me? Inútil este livro, Inútil qualquer tentativa de libertação. Quem disse que o espírito é livre? Espírito? Existe essa coisa? Túnel, escuridão, círculo vicioso. E a culpa é do dia - do dia, do lugar e da hora. Senhor, a melancolia sem fim destes domingos à tarde na minha rua. Certo, é a rua mais triste do universo.

RUA

Oh ! sim, as ruas têm alma !

João do Rio, *In* A alma encantadora das ruas.

MANHÃ

"-QUITANDEIRO! Olha o quitandeiro !" Oito. Radio tocando em qualquer parte. Valsa. Strauss? Deliciosa esta meia consciência entre lençóis, naufrágio em água morna. Deveres a cumprir, esperai. "-Peixeiro ! Tem sardinha maromba, xerelete !" O gato do armazém vai esperá-lo, miando como um desesperado. Passos na varanda. É o carteiro. Atirou a correspondência pela fresta da porta, e lá se vai, sutil como um ladrão... O prazer de receber uma carta, pelo endereço adivinhar a mão que a escreveu, verificar o selo, que todavia não colecionaremos... E abri-la, desdobrar a alva folha, numa pausa de preparação do espírito para as notícias. Bom como um copo d'água em dia de calor. Na verdade a vida está cheia de insignificantes coisas saborosas, mas a nossa pressa ! Vivemos em acelerado; não vivemos, nevrosamo-nos na cidade. Claridade na veneziana. Levantar! Olha o café que te espera, fumarás após um cigarro...Os ônibus descem superlotados para a cidade. Vazios, têm outra realidade... Pelo rodar dos pneus contra o calçamento, pelo som das buzinas, deve fazer hoje um dia seco, luminoso, uma bonita manhã de verão...

TARDE

TRIUNFA o sol. O vento brinca nos ramos dos oitizeiros da rua, onde os pardais fazem bulha. Uma folha seca se desprende, sem ruídos. Aprendamos na folha que cai a geometria da queda. Esta varanda é a minha torre e o meu mirante. Daqui medito o mundo. Deixa lá o mundo ! "-Olha a laranja seleta e a boa tangerina !" Lá se vai o roceiro escanchado em seu burrico, não reparou

em mim, senão vinha oferecer-me a fruta. Os pregões. Curiosos; são a voz da rua... Cada parte do dia tem os seus peculiares vendedores ambulantes. Natural que assim seja, atendem às necessidades de cada hora. Esta laranja seleta e esta boa tangerina (a magia das palavras: tangerina! o nome desta fruta evoca-me o seu cheiro capitoso, o cheiro não, o perfume...) não são uma oferta oportuna aos que estão à mesa, terminando o almoço? Quem se levantaria dela agora para atender à toada arrastada do vassoureiro? “– Vai vassouras! Vai espanadores!” ? É outra a sua hora; pela calma da sesta, à hora do “café”. Hora do “Garrafeira! Compra garrafas vazias!” de sotaque luso; do “Chapeleiro! Sombrinhas, guarda-chuvas!”, do gringo prestanista: “– Colchas! cobertores! cama e mesa!”; do italiano, amolador de facas e tesouras, com o ruído do arco sobre a roda, som estrídulo, rascante, que fere o ouvido; hora do homem do periquito que tira a sorte, periquito intrujão, mas necessário para as almas simples; hora em que o rádio distante toca o “Bolero” de Ravel, lenta melodia, e monótona, círculos nascendo, minúsculos e crescendo, concêntricos, inumeráveis, e logo um após outro, um após outro longamente esvaecendo-se no ar, no ar emoliente da tarde...

NOITE

Por que há uma louca, sempre, gritando na hora vespéral? Que malfazeja influência exercerá o crepúsculo nas almas perturbadas? Haverá acaso um sol que se põe, como o nosso, no horizonte de seu território indevassável? Que mal me faz aos nervos o lamento dessa pobre mulher! Saio, vou à praça comprar jornais. O sino da matriz me surpreende no caminho. Como dói a vida! Não, não é este sino que me comove assim, mas o outro que me traz de longe a sua voz, da infância, e não da vivida, mas da sonhada infância... Hora de movimento na praça; perco-me, por instantes, no seu burburinho. Há a um canto um preto-velho que em altos brados sucessivos oferece: “– Minduim torrãozinho e o bom gergelim!”, fazendo coro com outro preto, este moço, pulmão de aço: “– Picolé! Picolé! Creme, coco, abacaxi! Qual’é? Qual’é? Este Qual’é? Qual’é? é a um tempo convite, ordem, ameaça, na boca de alvos dentes, que se escancara para a praça, para o bairro, para os astros. Nem todas as crianças grandes resistem à tentação – os petizes, estes, trocam sem vacilar os seus níqueis pela incomparável guloseima. Ó sábia idade! Agora, de volta, sentado na varanda com os vespertinos de garrafas manchetes mentirosas, sinto a tarde esvaír-se. Um dia a menos, acervo de moedas de ouro que esbanjamos à maneira das crianças... À maneira das crianças ? Talvez menos avisadamente... Acenderam-se as lâmpadas da rua. Um a um, também, iluminam-se os interiores onde silhuetas familiares se movem, sombras chinesas. Não tardarão a ouvir-se infâncias, de roda, a cantar. A cantar:

**Ciranda, cirandinha,
vamos todos cirandar!
Vamos dar a meia-volta,
volta e meia, vamos dar!**

CAIS

*Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos, ou
erro pelos cais a que se atravam botes.*

O Livro de Cesário Verde, *In* O Sentimento de um ocidental.

ENTRE o cais Pharoux de um lado, com as barcas de Niterói e das ilhas, chegando e partindo, e do outro o Aeroporto Santos Dumont, com **Douglas, Catalinas** e **Constellations** trazendo e levando notoriedades, o Mercado ferve de atividade.

De manhã à noite, lanchas de pescadores (leiam-se os nomes pitorescos: “Sereia do Mar”, “Estrela Cadente”, “Princesa das Ondas”...) aliviam-se de pescado, aos cestos; largas faluas de bojo côncavo recebem caixotes, engradados, fardos, transportados até ali em caminhões; barcos a vela, primitivos, frágeis, vindos do sertão carioca ou de cidadezinhas fluminenses, descarregam cheirosos feixes de lenha, cachos de banana, abacaxis, abóboras, aves, todas as necessidades, todos os luxos da Metrópole.

E os trabalhadores do mar, brancos, pretos, mulatos – um mosaico de raças – pés descalços ou em seus tamancos, reluzem de suor sob a canícula, entre ordens gritadas, chalaças, palavrões – quadro vivo da bíblica maldição “comerás o pão com o suor de teu rosto”.

QUADRO vivo e completo. Nem lhe falta o contraste: os vagabundos: Os vagabundos. Curiosas criaturas. Aparecem e desaparecem, mas são sempre os mesmos.

Há um mestiço espigado, de camisa listrada, encardida, culote verde-oliva, trazido do exército – falador, gabolas, este é o centro natural do grupo; há um

crioulo baixote, luzidio, sempre em calção de banho, reminiscência da tanga que certo trabalharia com igual prazer; outro ainda, do mesmo tipo, talvez nem melhor nem pior que o primeiro, mas exibindo uma cicatriz, da orelha à boca, estigma que lhe dá ares terríveis de facínora; o sarará de trunfa eriçada, olhos agateados, a julgar pela maneira de falar, é das bandas do sul; e o adolescente louro, agigantado, caladão, algum Rimbaud obscuro...

Que faz esta gente? Que faz? Mas os vagabundos também trabalham. Não há que admirar; apenas o fazem a seu modo. Ora então fabricar puçás e pescar siri, porque não tem caráter aborrecido, porque não é humilhante nem rendoso, não se deve considerar ocupação séria?

É um gosto vê-los preparar os siris. Gastam horas nisso. Quando a lata se enche, com dois paralelepípedos improvisam um fogão, põem-nos a cozinhar. De azul-arroxeados, os belos crustáceos vão-se tornando avermelhados. Um cheiro penetrante expande-se em redor. Questão de minutos, estão prontos. Com um arame retorcido em anzol pescam no líquido fervente, num gesto destro, os enormes siris, em cujas presas alongadas se oculta uma carne alva, que se desfaz entre os dentes... Não há como esta gente para preparar a original iguaria!

MAS quando desce a noite, o cais serena. Mal se adivinha a labuta que ali formigou. O Mercado cerrou as grades, fecharam as casas de negócio, e apenas as tabuletas luminosas – “Café dos Marítimos”, “Furna da Onça”, “Casa do Pescador” – ficam, lampadários votivos, a vermelhar de distância em distância.

No mar, algumas lanchas. A maioria, ao cair da tarde, lá se fêz às ondas na rude tarefa que vai durar dias. E as quatro ou cinco que não partiram estão desertas, vigiadas por um velho que fuma no escuro, esperando pelo amanhecer. Os tripulantes andam em terra, com a família, a negócios, em busca de prazer. E os vagabundos? Os vagabundos, estes, perderam-se por aí, pelos morros, pelos becos, pelo **bas-fond** da cidade.

Agora o aeroporto se ilumina para os raros aviões noturnos, as barcas da Cantareira espacejam o horário e atracam e desatracam leves, vazias. O espraiar da maré contra o cais, embate marulhoso e manso, é música sutil compassando a fuga das horas no silêncio. Do alto, senhora do céu, a lua distribui pinceladas de luz no quadro, pequena “marinha” noturna...

II

ADJACÊNCIAS

SUBÚRBIO

*... no subúrbio acontece que nossa
mesquinhez fundamental é mais nítida.*

Rubem Braga, *In* Um pé de milho.

VAI o trem deixando para trás Barão de Mauá, os fundos de quintais de São Cristóvão, Benfica, Triagem... E vem a retina saturando-se de imagens apanhadas em câmera lenta ou apenas entrevistas.

Capitu. Não a heroína do perverso Machado, mas o **atelier** de alta costura de Madame Colette, (Francesa, sim senhor!) Bonita a fachada recém-pintada do "Centro Espírita Amor ao Próximo". Também fizeram o jardim, que não havia. Quero ver amanhã, à carícia do sol, suas dalias e rosas. Balzaquiana, interessantíssima... Sumiu-se portas a dentro da "Panificação Sublime". Panificação Sublime! Anda a literatura esparsa por toda a parte...

Louros, da cor de mel. Terá dezoito. Brotinho, ponhamos dezessete. Suburbana, desdenham as grã-finas da zona sul. Ora que importam classificações, se ela foi a "rainha" no concurso de beleza do "Esperança Futebol Clube"? Lá ficou, meditativa. à janela. Seu nome? O timbre de sua voz? Verdes ou azuis os seus olhos? Quem em seu pensamento? Irremediável desconhecida, adeus! Quem sabe não era a definitiva encarnação da Bem-Amada? Ser teu vassalo. Ó princesa, ó flor dos subúrbios! Nunca mais! Melancolia...

SÚBITO, "Carlos Chagas".

O médico ilustre? Não. O hospital? Também não. É a estaçõzinha da Leopoldina. Aliás nem é a estaçõzinha, mas o mangue que se estende para lá do asfalto, debruado pelos tufo de capim, da Rio-Petrópolis. E sobretudo a nota pitoresca de seus estranhos povoadores: os urubus.

Impressão do já visto. Onde? Alguém escreveu isto. Augusto dos Anjos e o urubu que pousou em sua sorte... Mas não, não é isto. Murilo Mendes e a feérica imagem apocalíptica do urubu que, no último dia, vestido com as cores do arco-íris, dará milho ao fantasma de Deus... Também não. Qualquer coisa de mais, digamos característico. Poe. Mas o urubu de Poe é corvo; corvo e símbolo. Quem, Senhor? Ah, "Seigneur... quand froid est la prairie..." Aqui está, Rimbaud. O Rimbaud de "La corbeaux". Recordo: na hora fria do crepúsculo, que o Senhor faça descer dos altos céus os deliciosos corvos amados... Depois, que sobre casebres e fossas, se dispersem, se confundam... Aos milhares, aos milhares "sur les champs de France", onde dormem o sono derradeiro "les morts d'avant-hier". Eles, os corvos, que volteiem, e volteiem para que o passante se detenha um instante a meditar...

EM "Carlos Chagas" os urubus não têm "Champs de France" nem "morts d'avant-hier". Em compensação têm o vazadouro de lixo, ali, a dois passos. E as altas torres cinzentas da energia elétrica são o desarvorado apartamento deles. O dístico fatal – PERIGO DE VIDA – e a caveira sinistra servem de defesa, qual escudo heráldico ao portão de arruinado castelo.

Nos dias abrasados, o céu tinge-se de azul de horizonte a horizonte. Se o piloto da *Panair* pensar demais na mocinha, boina de lado, que olhou para ele no aeroporto, o pássaro enorme baixará em descontrolado **piqué**: e não cairá apenas em seus domínios, mas na primeira página dos vespertinos, em grandes manchetes. Desagradável desastre em tarde quente, que abandono!

Entretanto os urubus só vêem o lixo que os garis trazem a despejar ali em pequenas carroças atreladas de burricos cheios de paciência e cansaço, orelhas em abano derreadas para o chão... E dia a dia o lixo vai avançando como onda, não verde ou azul, mas multicolor e rica: síntese de todos os matizes sociais do subúrbio. Imagino um momento em que se espalhará para além do vazadouro. E crescerá, e levará tudo de vencida, em violência de ressaca. Até as torres, até as torres, que tremerão em suas bases. Ai dos urubus, ai das inquietas gaivotas desse turvo mar! Bem se vê que nada temem, certos de nem molhar os pés. E se acaso os molharem, pouco lhes importa: estão no próprio elemento. Para eles, não há perigos nem ameaças, para eles "Carlos Chagas" é eterno!

Antes assim. Felizes! Cegos, mas felizes. Não consideram que amanhã, sobre o mangue aterrado, vão se erguer **bungalows**, cines, panificações sublimes, onde não haverá lugar para eles. E rapazes pedalarão bicicletas, enquanto

meninas-moças passearão de braço dado na futura praça em “Carlos Chagas”, em “Carlos Chagas” que já foi Amorim...

Para onde irão os urubus? Tão difícil trocar velhos hábitos. Senhor, em verdade te declaro – isto me preocupa toda a vez que aqui passo. Tu que advertiste: “Olhai as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, e o Pai celestial as alimenta...”, atenta, Senhor, para o amanhã deles, nestes dias de felicidade provisória. Para onde irão? Senhor, quem pensará no destino dos rimbaudianos urubus de “Carlos Chagas” ?

MANHÃ NA ILHA

*Levo para essa região, tantas vezes visitada,
uma alma nova.*

Adelino Magalhães, *In A hora veloz.*

MAR encapelado, a barca atraca num solavanco. O flutuante é uma gangorra. Há gritos e risos dos passageiros, algazarra. Levanto-me. O que! Chegamos ? Diabo. Não era isto o que eu queria. Malditos suplementos literários. Lendo-os, pouco ou nada ganhei; entretanto, lá se foi a viagem... E a manhã de domingo tão clara, manhã que De Chirico poria num quadro, tão azul o céu e verde o mar!

Esses pequenos burgueses e seus piqueniques... Tão pacíficos, como ficam agressivos na disputa de lugares para a prole nas conduções. Devo apressar-me, senão perco o ônibus. E, no trajeto para a casa de meu amigo, quero recuperar o tempo e a viagem perdidos, quero a paisagem.

"-LOTADO. Vam'bora! adverte a voz adolescente do trocador. O chofer atira longe o cigarro, dá um toque no boné – e o carro parte.

O carro parte circulando a pequena praça das barcas. E, como num filme natural, os aspectos já conhecidos, mas sempre curiosos, vêm desenrolar-se um a um a meus olhos. O bar, a banca de jornais e, ao fundo, os carnavalescos cartazes do “Cine Governador” anunciando para hoje uma película nacional... Sobretudo não esquecer a nota humana: lá vão, ativas, solícitas matronas atravessando a praça acompanhadas de esguias mulatinhas com grandes bolsas de compras. Garotada. Homens conversando, cigarro ao canto da boca e mãos nos bolsos, evidentemente a gozar a doce manhã da ilha...

Rua Paranapuam, que eu não sei o que quer dizer. Velhas fachadas, datas antigas, varandas, **bougainvilles** e acácias, ouro e brasas: estamos nos

trópicos! É verdade, a casa verde com jardim, onde... Mais adiante. Ali está, ali estão as castas filhas das ilhas. Bom dia, rosas de minha devoção! Obrigado pela vossa presença. Já vos esperava, já contava que não havíeis de faltar. Ah, a tentação de colher-vos, virgens impossíveis! Até logo, até breve!

Agora o itinerário abre-se num alvo sorriso, ininterrupto: Praia do Zumbi, Praia das Pitangueiras, Praia da Bandeira, Praia da Olaria. E o espetáculo dos coqueiros. Eh, naturalista, não deixar de notar: é a vegetação característica da ilha. Ei-los que vêm alinhar-se às margens da praia numa constância regular, simétrica, dir-se-ia intencional. Um, dois. Um, dois, três. Um, dois, três, quatro... Uns são verticais, perfeitos; há outros retorcidos, alguns tombados para o mar. Que contraste com a empoeirada arborização da cidade! Livres, desaforados, os coqueiros da ilha, da “minha” ilha ! O vento passa por eles arrancando da coroa de suas palmas suave música marinha. Aquela mesma harmonia que ressoa nas lapas, nos búzios, que canta ao ouvido dos pescadores...

Os pescadores. Ei-los, camisas listradas, arregaçadas, a vender o pescado entre as suas canoas vermelhas e verdes, azuis e brancas, de nomes líricos ou irônicos. Os pescadores. Sob estes verdes coqueiros rumorejantes, sentam-se eles às tardes a consertar tarrafas e redes, impregnadas de salsugem, calados. De quando em quando atravessam a estrada para uma chegada ao “Botequim dos marujos”. “– Quanto chega, “seu” Zé?” “– Cinquenta centavos, patrãozinho, que o cobre hoje tá curto”. Depois, quando a noite cai, fazem-se ao mar para a árdua tarefa. E manhãzinha, sob as mesmas estrelas que o viram partir, lá vêm contentes ou aborrecidos, embora sempre silenciosos, pois o mar ensinou-lhes a inutilidade das palavras; vêm contentes ou aborrecidos conforme a canoa está leve ou pesada... Nas fronteiras deste pequeno mundo nascem, fazem-se homens, amam e iniciam os filhos no mesmo humilde ganha-pão. Às vezes morrem em terra, as mais das vezes, porém, desaparecidos no mar, no mar de que viveram... Os pescadores. Por toda a parte são sempre os mesmos homens bíblicos, de pele crestada, afeitos à tempestade, curiosas tatuagens pelos braços e ombros... Imagino entretanto que serão felizes. Eles não ignoram que há no mar uma coisa chamada âmbar. E no fundo do coração, secretamente, cada um talvez sonhe descobrir algum dia uma montanha do esquivo tesouro, boiando à flor das águas. Irão pobres e tornarão ricos. Como toda a gente, felizes a seu modo.

QUE é isto? Meu Deus, o chofer está doido varrido! Buzinando desesperado, o ônibus voa, deixando para trás uma nuvem de pó. “– É pra fazer o horário, não carece ter susto”, avisa o trocador aos rostos apreensivos.

Ainda bem! Uma curva, uma reta livre – e chegamos. Freguesia. O olhar de meu amigo descobre-me primeiro, salto sob o seu abraço no largo da matriz.

Passam adolescências em flor em breves trajes de banho... Lá vai um garoto de caniço ao ombro, feliz com a sua enfiada de peixes – cor de ouro, cor de ouro, linda como uma oferenda...

Não, não há nada melhor que um passeio matinal à ilha, a “minha” ilha, por um tempo assim, de dezembro ou janeiro!

"NAL! NAL! NAL!"

Les petits Savoyards sont de retour, et déjà leur cri interroge l'écho sonore du quartier; comme les hirondelles précèdent le printemps, ils précèdent l'hiver.

Aloysius Bertrand. Octobre, *In* Gaspar de la Nuit.

NA manhã fria – é junho – a cerração esconde picos e declives. A planície ficou para trás, vai começar a subida. A serra de Petrópolis, serra da Estrela no mapa, deslumbramento de meus olhos de infante e adolescente! Não, hoje não quero o cristal de teus riachos cascadeando em surdina; nem o azul, o branco, o rosa, ou o matizado das hortênsias no orvalhado tapete de tuas virgilianas encostas. Pontes e pontinhas, não quero saber se sois de aço, cimento armado ou madeira; passai depressa, “claros” inesperados, que me devolveis o espelho líquido da Guanabara, o “Dedo de Deus”, o “Corcovado” – a Metrópole inteira! Dá-me, porém, as tuas crianças, os teus meninos e meninas, que eu quero ainda uma vez rever neles a perdida infância, ó minha proustiana serra de Petrópolis, serra da Estrela no mapa.

ONDE estão eles, os pequenos serranos? Não é possível que o frio os tenha afugentado; impossível também que tenham esquecido que há um trem de 9,45. Dormirão ainda? Onde estão eles, os nossos pequenos serranos?

– Nal! Nal! Nal!

Lá vêm. Um, dois, três, quatro cinco, seis... Agora são um bando a surgir em cada curva da estrada, dos acidentes de terreno onde se aninham casebres. Seus gritos de aves implumes, agitando as asas: – Nal! Nal! Nal! – têm ressonância agudas no fino ar matinal.

Um senhor avermelhado, a julgar pela aparência, fiel súdito de Sua Majestade Britânica, em **weekend**, fica a olhá-los com um sorriso ingênuo e

grande espanto. Decerto imagina que isso é uma saudação dos pequenos serranos a sua pessoa. Tira o cachimbo fleugmático:

– Well! Bye, bye!

Quanto a mim não ignoro o que significa todo esse alarido. Pedem jornais que, vendidos a quilo, dar-lhes-ão níqueis para comer. Os pais trabalham na estrada de ferro, são cassacos; os irmãos e irmãs maiores andam empregados na “Fiação Cometa”, à raiz da Serra; e as mães, pobres mulheres estazadas, lavam roupa para famílias estrangeiras de Petrópolis. E assim crescem, esquecidos, miseráveis, embora a dois passos da cidade aristocrática, beneficiados apenas pelo ar ozonizado da Serra. Uns são claros, outros morenos. Também há pretinhos. E uma nota comum os irmana: como são magros e esfarrapados os filhos dos cassacos!

A composição avança, engrenando ruidosa na cremalheira.

– Nal! Nal! Nal!

Os primeiros vão ficando, mas de cada barracão, clareira, desvio. continuam a surgir, qual bando de pardais. Ávidos pardais. Meu olhar, de súbito, encontra um par de olhos muito brilhantes, num rostinho moreno, enfarruscado, franjinha caindo na testa.

– Nal! Nal! Nal!

Observo que as veias do pescoço se lhe intumescem, na violência do esforço. Atiro um jornal. O esperto pardal corre ao encontro do objeto precioso. Some-se... A composição distancia-se. Onde está? Ponho a cabeça fora do vagão. Não o vejo. Que é feito dele? A composição avança; a composição distancia-se, distancia-se... Que é feito dele?

Enfim, ei-lo de novo. Não tem o jornal, mas ei-lo de novo. Dou-lhe adeus. De pé, sobre uma pedra, o pardal olha-me de esguelha, gritando sempre. Insisto no aceno. Não me responde. Mostro-lhe um níquel, que lanço na sua direção. É para ele, que o apanhe! Ladino, num relance me compreende: ei-lo que deixa a pedra de um salto, agitando no ar um jornal, o jornal que lhe havia atirado. Mas já a composição dobra uma curva, perco-o de vista.

AGORA um par de olhos muito brilhantes, num rostinho moreno, enfarruscado, franjinha caindo na testa, vai comigo para Petrópolis. A meu ouvido, gritos agudos ecoam em ritmo ternário:

– Nal! Nal! Nal!

E não sei porque, fico triste.

MINHA CIDADE

*Niterói ! De onde vem este nome suave como
uma canção?*

Charles Ribeyrolles, *In Brasil Pitoresco*.

UM cego, na barca, tira de uma flautinha de lata as marchas e sambas do dia. Um gordo, sentado a meu lado, queixa-se da falta de conforto das conduções marítimas da Cantareira. Lido o meu vespertino, ponho-me a ouvir o cego habilidoso. Seus falsos semitons sibilantes lembram-me ss, caravanas de ss luminosos, e é doce ouvi-los casados ao ritmo do balanço da barca...

Mas o gordo exuberante descobre-me desocupado e toma-me para seu interlocutor.

– Niterói só irá para diante no dia em que se ligar ao Rio por uma ponte. Ponte ou túnel.

– Acha?

– Mas é claro, meu senhor. Isto é a terra do atraso, qualquer subúrbio da Capital vale dez vezes mais. Isto é a terra do atraso...

Levanto-me, vou para a proa da barca; há de tudo; deixemos este gordo idiota. Quem assim fala, evidentemente não é teu filho, minha cidade. Querem-te cosmopolita e moderna, querem desfigurar-te. Eu porém, amo-te sem ponte e sem túnel, atrasada e rotineira. Amo-te tal qual és. Niterói dos suicídios inexplicáveis, das mulheres-fantasmas, dos crimes bárbaros e misteriosos. Niterói romanesca e anedótica! E é por isso que não me zango com o samba:

Eu não sou daqui,

sou de Niterói...

"**Á**GUA escondida", "água que se esconde", ou outra etimologia indígena, que importa? Não quero entender disso. quero cantar-te, minha cidade. E por que não?

**todos cantam sua terra,
também vou cantar a minha.**

Não afirmarei que:

**Nas débeis cordas da lira
hei-de fazê-la rainha.**

mas, fiel espectador da mutação de todas as tuas horas, verás que, no fundo, também tenho o meu "fraco" por ti. Por ti, Cidade-sorriso de teus cronistas provincianos; velha cidade de minhas noturnas caminhadas, de meus pecados mortais – Terra do índio, Praia Grande, Niterói!

NÃO, nada direi de tuas úmidas manhãs de inverno. É que envolta no denso lençol de neblina, tu preguiçosamente te aniquilas. Ou então te divertes. Ah, os estrídulos insistentes e longos apitos das embarcações, cegas no nevoeiro da baía! Bem sei que a imaginação é minha; mas esses apelos me vêm de uma noite de temporal em mar alto, onde algum navio naufraga, reduzindo ao silêncio milhares de desesperos humanos. E que aflição, que mal estar!

Falarei entretanto de teus meio-dias de janeiro. Lá estão os teus lugares de sonoros nomes indígenas ou cristãos: Toque-Toque, Ponta d'Areia e São Lourenço; Gragoatá, Boa-Viagem, Icaraí; e por que não São Francisco e Jurujuba? O Sol a pino castiga a todos brutal e indiferentemente. É a hora de suas núpcias com a terra. Atmosfera, de abrasada, rebrilha; e o sultão poderoso, com seus braços de fogo, envolve sôfrego as curvas do corpo amado. Cada coisa se individualiza, agressivamente se agiganta. Só há primeiros planos, nenhuma gradação. Claridades e reverberações. Uma poeira de prata dança no espaço sem nuvens. E, dias após, as elétricas trovoadas, os grandes aguaceiros de verão. Dir-se-ia o primeiro dia da criação – um mundo nasce!

Já os ocasos são doces como um aperto de mão. Os tons puros esbatem-se; como que exausta da refrega do dia, a paisagem adquire planos, humaniza-se. Céu de lápis-lazúli, mar esmeralda, e um humilde abandono em tudo. As ruas alongam-se em retas infinitas. É estático e igual o telhario ocre. As torres da Catedral dão a nota de altura. Uma temeridade aquele arranha-céu de seis

andares. E na pesada arquitetura dos "Correios e Telégrafos" reside o orgulho maior dos munícipes... Ao fundo, na perspectiva repousante, as verdes colinas de dorsos macios organizam-se em caravanas. Tem linhas de seio seu diorama sinuoso. Quase a tocá-las, suspensa na altura, lá palpita a Estrela da Tarde, Vésper solitária e casta. Espetáculo maravilhoso, não tardará a nascer a Lua, fruto de ouro na noite tropical... E a modesta Niterói sob o luar se transfigura.

VELHAS CASAS

A casa parecia suspensa na luz trêmula, e tudo afastava de si, num esquisito encantamento.

Cornélio Penna, *In* Dois Romances de Nico Horta.

É uma casa assobradada, ao centro do amplo terreno invadido pelo mato. Um renque de esguios eucaliptos, ao fundo, e um desmantelado caramanchão de **bougainvilles**, à esquerda, completam o quadro. Gretado muro de pedras, avivado de líquens e musgo, cerca-a em quadrilátero, isolando-a do mundo. Dois leões, fauces enegrecidas, júbas e garras destroçadas, montam guarda à entrada, no portão de grades enferrujadas.

Até bem pouco, ainda se ouviam aqui sons melancólicos de piano. Esses mesmos emudeceram. Venezianas perpetuamente cerradas, silêncio, viv'alma. Dir-se-ia que os pardais numerosos, perseguindo-se em bulha pelas árvores, são os únicos senhores da casa em ruínas...

Na travessa recém-aberta, vaidosa de fachadas beges, varandas claras, jardins ingênuos, que vão surgindo de um lado e outro, a "Chácara" (chamavam-na assim de longa data) chega a ofender os olhares impacientes. Que faz ali aquela excrescência que ainda a não arrasaram?

E mais dia, menos dia, executar-se-á a sentença. Então um **bungalow** sem arquitetura, sem história, há de tomar o lugar, pretensioso como um novo-rico.

Que querem? É o estatuto universal: "Uma geração vai-se e outra vem"... Não há que estranhar, senão curvar-se ao cutelo do Tempo. Também as casas morrem. E morrem, está visto, porque têm alma. Quem não vê que as casas têm alma, quem não lhes adivinha na fachada o longo passado romanesco?

Cruzai por ela mais devagar ou menos distraídos, atentai bem: aquelas verdes janelas, de vidraças partidas, não foram sempre assim, pálpebras mortas. Quantas vezes não se escancararam para o azul em louras manhãs de sol e asas! Quantas vezes, em noites de Natal, em festas de família, não jorraram luz generosa sob o dossel das árvores da chácara! Sob esse telhado, onde à noite os gatos amam sem pudor, indiferentes aos fantasmas, dentro dessas paredes forradas de papel, quanta vida passou. Quanta alegria e dor!

Então tudo isto haveria de perder-se? Não e não. Silenciou, mas não se perdeu. Nada se perde de todo. O frêmito de vida ali ficou, ali palpita; imprimiu à casa essa fisionomia bondosa de gente velha. Reparai, reparai, se não tem mesmo o jeito amigo de uma avó... Ah, a alma das coisas, a alma das casas, que não morre nunca!

AGORA ela agoniza, a velha casa vai-se docemente. Como o último sobrevivente de nobre família, abandonada e só, num mundo estranho. Um olhar de piedade para ela! Em breve, não mais existirá; e, ao passarmos, talvez sem palavras, murmuraremos: "Arrasaram a Chácara", coitada!" E então será como se um pedaço de nós mesmos (ínfima porção, é verdade) tivesse sido amputado: ficaremos mais pobres, porque algo faltará. Um olhar de piedade para ela!

CONTRASTES

Singular associação de personagens, que constituem esta população brasileira, onde os tipos mais primitivos andam lado a lado com os mais evoluídos.

Pierre Deffontaines, *In* Geografia humana do Brasil.

A par da famosa beleza natural, de seus arranha-céus, praças e jardins; das movimentadas artérias por onde escoia o tráfego nervoso; e das suas noites, com uma sinfonia de luzes contra o fundo negro das montanhas, refletindo-se à beira-mar como colunas submersas – **féerie** de conto oriental – o Rio constitui um espetáculo.

Orgulhosa de si, a mui leal São Sebastião de Estácio de Sá, a Corte de vielas tortuosas e casario acaçapado das estampas de Debret, traveste-se em Capital Federal, Cidade Maravilhosa, Rio, para femininamente sintonizar com o momento – esta hora vertiginosa de televisão, dos aviões a velocidade supersônica, era apocalíptica da bomba atômica...

MAS – delicioso contraste ! – há recantos da Sebastianópolis que por sortilégio vão se esquivando ao surto civilizador.

– Olá, Mestre Gonçalo, como vai essa força?

Não, nem é preciso ter muita imaginação para sentir na Ferraria do meu amigo Mestre Gonçalo, no seu barracão em meio ao descampado, à Avenida Suburbana, logo à margem do asfalto, que ali perdura de passado, de romanesco, e reportar-se a uma novela de capa-e-espada – justo no capítulo

em que o herói se detém um instante na estrada para ferrar o “corcel de patas mais ligeiras que asas”.

– Por cá, como Deus queira, senhoire dutoire.

Calça de mescla, tenho diante de mim um homem de peito largo, rudes braços, afeitos ao trabalho, rijo como rebento de velha cepa, malgrado os oitenta anos. Português, tem mais anos de Brasil que qualquer de nós. Rapazola, para aqui emigrou, aqui se enraizou, casando com mulata, que lhe deu filhos e filhas, belos latagões e raparigas morenas, que vivem pelo subúrbio. Há sessenta anos que ganha o pão neste mesmo lugar, neste duro e honesto mister de ferrador de animais.

É de vê-lo, no trabalho. Expedito, ao chegar um freguês põe-se logo em ação, avivando com velho fole as brasas do fogão. Vai aos espetos, dispostos ao longo da parede, onde tem arrumadas as ferraduras. Escolhe algumas, deixa-as a incandescer. Enquanto espera, depois de acender pela vigésima vez o cigarro colado ao lábio, prepara os cascos do animal. Agora as ferraduras estão rubras. Na bigorna, a seguros golpes de martelo, bate aqui, bate ali, amolda-as num último retoque. Estão prontas. Acheça-se ao animal, cuidadoso como se tratasse com uma criança, num carinho que o animal parece compreender, pois abandona a pata confiantemente. Questão de minutos, está calçado, pisando com segurança, escarvando a terra, nitindo satisfeito.

Mestre Gonçalves guarda o dinheiro com indiferença. Substitui o cigarro e, mãos nos bolsos, vem à porta do barracão. Observo-o. Noto em seu rosto uma radiante alegria – alegria que jamais se surpreende nas fisionomias cansadas, revoltadas ou melancólicas, dos operários de fábrica. Mestre Gonçalves está contente de seu trabalho. Como não ser assim? Vejam, vejam o cavalo afastando-se, e afastando-se cada vez mais. Reparem só com que aprumo; ouçam a música picada das ferraduras novas no asfalto da Avenida Suburbana – plaque-plaque! plaque-plaque! plaque-plaque!

- ENTÃO, Mestre Gonçalves, o ofício é rendoso?

– Com ajuda de Deus, vai dando pra comer, senhoire dutoire.

– Sempre sobra para o “martelo” do carrascão, hein?

– Qual, senhoire dutoire, lá isso só pelas festas.

Mestre Gonçalves é de pouco falar, mas eu puxo por ele:

– Por quanto ferra um animal, mestre Gonçalves?

– Trinta mil réis, senhoire dutoire. (O bom velho não se ajeita a essa inovação de cruzeiro, centavos. Para ele são os mil réis).

– E é muita a freguesia?

– Cada vez menos, senhoire dutoire. São poucos os que por cá aparecem. E na mor parte burros, que os cavalos estão desaparecendo com os automóveis. Deram cabo do ofício de ferrador, as máquinas. Bom ofício, bom ofício, em tempos que lá vão.

Na pista livre da Suburbana, um após outro, qual mais veloz, comentário vivo ao que acaba de dizer, passam os automóveis.

Estendo-lhe a mão cordialmente:

– Adeus, Mestre Gonçalo.

– Até mais ver senhoire dutore.

Parto. Mas a frase castiça de Mestre Gonçalo, quiçá o último ferrador do Rio de Janeiro, fica-me ao ouvido: Bom ofício, bom ofício, em tempos que lá vão.

III

INSTANTÂNEOS

O CAMELÔ

... demiurgos de inutilidades.

Manuel Bandeira, *In* Libertinagem.

VAI-SE andando, rua afora, e, ao dobrar uma esquina, depara-se um ajuntamento. Desastre? Desastre não aparece. Então foi um moleque que larapiou qualquer coisa à porta da casa de comestíveis... Alguns passos, e a realidade se evidencia – o camelô.

É o camelô. Antes mesmo que se lhe veja o rosto, pois compacto é o grupo, sua oratória, fácil como água de fonte, no-lo revela.

– Verão os ilustres cavalheiros, que me dão a subida honra de ouvir, que não se trata de mera habilidade ou truque, porquanto...

Em torno: olhos, olhos, olhos. Graves senhoras de alma curvada de preocupações, mocinhas aos pares, colegiais ou comerciárias, rapazolas, uma honesta mãe de família com seus dois rebentos, entregadores de embrulhos, um alfaiate lá da sacada de um terceiro andar, esquecem todos os seus negócios, escravos um instante do homem de dicção perfeita e entonação convincente. Demóstenes de sarjeta.

FAZ-SE agora uma brecha. Aproximemo-nos. É quase sempre um mulato espigado, terno de linho não muito limpo, mas de qualidade, sapatos de salto carrapeta ou chinelos, e, em lugar da gravata, um cachecol de seda, presente de seu xodó, que tanto pode ser uma alva polaca como uma morena nacional das rótulas do Mangue ou das “pensões” da Lapa. As vezes é mesmo um preto, mas então com menos bossa... Outros ainda estrangeiros, belos tipos humanos, italianos ou espanhóis, decadentes, mal vestidos, que a má sorte levou àquele expediente salvador.

Alvo das atenções, perfeitamente dono de si, o nosso herói agita-se no círculo que lhe é reservado, a mercadoria espalhada sobre um jornal. Trata-se, por exemplo, de frágil objeto de folha, simples lâmina com arame. Em seus dedos demiúrgicos a bugiganga descasca batatas, dá-lhes formas de flores, arranca chapinhas, abre latas, corta vidros e uma centena de outras funções que a nossa personagem vai enumerando e demonstrando. Por último, como se fora nada, dobra-se em minúscula peça de bolso, invisível, portátil... Maravilha!

– E quanto custa isto, senhores? É de graça, isto é, cobra-se apenas a ínfima quantia de ... dois cruzeiros, nada além de dois cruzeiros, ao passo que em qualquer loja do ramo ser-lhe-ia pedido três, cinco, dez vezes mais, e que a massa falida *Massif & Cia.* tem o grato prazer de ofertar ao respeitável público pelo preço de custo, a ínfima quantia, repito, de – dois cruzeiro, nada além de dois cruzeiros. Um para este cavalheiro, mais outro para esta senhorita. Pois não, um momento, mais outro para a **madame**...

Que são dois cruzeiros? Ora o diabo do camelô. Vá lá! E todos compram; compram e saem felizes com o bom negócio. Também o nosso herói está contente, acende um cigarro, tira uma tragada, e, mão no bolso do paletó, agita sonoramente as pratas numerosas, a um tempo gozando o ganho e atraindo novos fregueses. Qual relógio de repetição, com as mesmíssimas palavras, minutos depois, a coisa volta ao ponto de partida, e o número recomeça.

Poderá recomeçar ou não. Eis que surge, de repente, com a autoridade perigosa de seu cassetete, um guarda civil. Está tudo acabado: ligeiros, espertos, eles arrebanham os apetrechos e azulam. Apagam-se na multidão. Deveras? Quinze minutos após renascem numa esquina adiante.

– Verão os ilustres cavalheiros, que me dão a subida honra de ouvir...

FABULOSOS sujeitos! É verdade que o instrumento maravilhoso, em casa, não funciona; nem o pozinho mágico presta para nada. Que importa! Então por dois cruzeiros, nada além de dois cruzeiros, não é de graça uma ilusão? Ora quantas pagamos mais caro, quicá mais reles!

UM BIBLIÔMANO

Pour arriver à la possession de cet exemplaire, il n'est pas de lâchetés qu'il ne fît, et il en est quelques-uns qui iraient volontiers jusqu'au crime.

Albert Cim, *In Le Livre*.

HÁ uns que compram livros a metro, não os leem. Outros há que só se interessam pelo aspecto material deles: juntam edições **príncipes** e exemplares raros – estes não são para serem lidos. Outros há, ainda que têm exclusiva predileção por determinado autor, a quem se dedicam com uma paixão absurda, verdadeira monomania.

DÁÍ aconteceram coisas curiosas. Aconteceu que, uma tarde, ao deixar o escritório, o nosso herói descobriu por acaso um exemplar de certo autor de sua predileção, num “sebo” da rua São José. Se eu disser que há muito o vinha procurando, julgo que terei explicado a alegria que lhe alvoroçou a alma, pondo-lhe nos olhos um brilho de puro gozo. Era exatamente aquele, o esquivo, o invendável. E agora tinha-o ali! Com a delicadeza de um cavalheiro que beija a mão à sua dama, curvou-se para tomá-lo. Deteve-se a folheá-lo, gostosamente procurou uma frase que lhe sabia de cor. E a edição, embora modesta, apresentável. Encurtando razões: comprava-o. Mas levando a mão à carteira, encontrou-se desprevenido. Maçada. Enfim, era ter paciência. Viria

buscá-lo no dia seguinte. Acariciou-o ainda uma vez, como quem se despede, e recolocou-o no primitivo lugar. Comprava-o. Era seu.

No outro dia madrugou à porta do “sebo”. E qual a sua emoção quando, ao aproximar-se da prateleira, não topou com a obra. Tentou iludir-se: talvez o idiota do caixeiro a tivesse retirado do lugar. Buscou nas prateleiras vizinhas, acima e abaixo.

Dirigiu-se aos balcões centrais. Foi à vitrina. Nada. Nem uma vez acudiu a ideia, plausível em cérebro normal, de que tivesse sido comprada. Falou ao rapaz.

– Vendi-a ontem, meu senhor.

O nosso herói fixou-o com desapontamento e ódio. O caixeiro adoçou:

– Se tivesse avisado, era um prazer reservar...

E, em tom anódino de amabilidade comercial, pôs-se a falar daquela edição, esgotada havia muito, daquele exemplar que dias antes aparecera num saldo, e entrava na apreciação intrínseca da obra – ousadias de caixeiro – quando o nosso herói, voltando-lhe as costas, bruscamente ganhou a porta, rua afora.

Naturalmente, nem se faz mister dizê-lo, sua alma vai em pedaços. Em duas partes, ao menos, dilacera-se. Uma delas arma pequenas frases soltas, mais ou menos assim: “ – ORA. EIS AÍ, NÃO ENCONTREI O LIVRO !” Ao que a outra murmura em surdina: “– Quem o teria adquirido?” “– BEM, NÃO FAZ MAL!” “Certo, qualquer idiota”. “– FOI ATÉ MUITO BOM, ECONOMIZEI UNS COBRES!” “– Foi, não tenho a menor dúvida de que foi um perfeito imbecil!” “– AFINAL ATÉ GANHEI, AMANHÃ ME APARECE UMA EDIÇÃO MELHOR”. “– E que pode um tal sujeito entender do estilo e pensamento de Z...?” “– SE NÃO ESTOU MESMO ENGANADO, PENSO QUE NA JOSÉ OLÍMPIO HÁ OUTRO EXEMPLAR”. “– Como se Z... fosse autor para qualquer! Como me rio de tais tipos!” “– CRETINO, IMBECIL, IDIOTA !”.

Amanhã é de sol, o asfalto negro rebrilha, há buzinas e colorido de vestidos de mulheres que passam. Que passam, tão belas! Mas o nosso herói não enxerga nada. Mal comparando, como ao rei Édipo, vazaram-lhe os olhos. Está estragado o seu dia, tudo lhe correrá às avessas. É que há no mundo, nesta mesma cidade, e ainda ontem o ignorava, outra pessoa que se interessa pelo incomparável, pelo genial autor Z..., que ele vem lendo e anotando – entenda-se: colecionando – há nada menos de vinte e cinco anos!

"DESTES É O REINO DOS CÉUS"

Mister Smith, le traigo palabras en aceite donde nadan los dulces sentidos de la vida.

J. Boadella, Pórtico, *In* La Caravana de los elefantes.

IGNORO se existe a Felicidade, substantivo abstrato. Sei entretanto que, apesar de tudo, existem pessoas felizes neste mundo. Não interessa no caso o número, gênero e grau dessa felicidade, mas a veracidade da observação.

Ora, esta é autenticíssima. Surpreendi-a num flagrante de rua, aqui está a saltar-me nas mãos, viva como peixe recém-tirado da água...

Graciosamente, dedico-o a você. A você, sim que tem todos os motivos de queixa contra a vida; a você que não passa dia sem pensar em suicídio, chegando a redigir (mentalmente) as cartas acusadoras que deixará; a você que anda com uma desconsolada flor amarela na botoeira. Só lhe rogo uma coisa, meu caro: leia-me sem prevenção.

ERAM oito da manhã. Isto não tem importância, mas é que sendo oito horas, seguia eu para o trabalho. Estava no ônibus. A certa altura, como me parecesse curiosa, pus-me a prestar ouvido à conversa de um desconhecido. Que não é lá muito correto, bem o sei; mas viajava ele no banco imediatamente atrás de mim, era fluente a sua palavra, agradável o timbre, deixei-me ir em seu ritmo.

Diziam os lábios invisíveis ao companheiro monossilábico:

“– Afinal esta vida são dois dias, e é levá-la da melhor forma. Para que arranjar motivos de aborrecimento? Eu penso assim, José. Não quero convencer ninguém, mas penso assim. E olhe, tenho-me dado bem até hoje. Ai deste seu amigo, se quisesse levar tudo a ferro e fogo. Getúlio foi uma calamidade para este país, mas um **slogan** que no Estado Novo andou aí pelos muros é de muita sabedoria: “Só o Amor constrói para a Eternidade!” Também casei com uma mulher que é companheira de verdade. Você conhece Clérida, não é preciso que lhe diga. Graças a Deus! Aliás, não dou razões de queixa. Não sou melhor que os outros maridos, mas é esta a verdade. Minhas paixões são ela e o filhos. O lar.. Há aí no momento um programa, na *Mayrink* ou *Tupi*, do qual uma coisa ao menos se salva: o título. Chama-se: “O mundo não vale o seu lar”. Fora da ternura da família, digam o que disserem, é tudo ilusão, José. Até dinheiro. Dinheiro não traz felicidade a ninguém. Figure você: pode haver maior satisfação do que, após um dia de trabalho, chegar em casa, à tarde, e encontrar a esposa e os filhos preparados, esperando a gente para o jantar? Esquecem-se as preocupações, esquecem-se todas as misérias. Tanta ternura vai nos tornando menos maus, fique certo. Evidente esta felicidade não é perfeita. Surgem casos. Hoje é o caçula atacado de sarampo, amanhã o mais velho que exige um gasto extraordinário na escola, a mulher que se aborrece porque há quinze dias está sem empregada... Mas até essas alterações na rotina são interessantes, fazem parte do programa e têm função de corretivo. Acrescente ainda um cinema por semana com a mulher, praia aos domingos, a sociedade de meia dúzia de amigos, a leitura de um bom livro, e diga-me se isto não é ser livre, ser realmente dono da vida ? Dirão: felicidade estúpida. Mas isto é a felicidade, José, nada mais que isto. Por que exigir das coisas o que elas não dão, o que não podem dar? Mediocridade? Alto lá, amigo. Em que impede isto que se realize algo de mais alto ? Egoísmo? Deixe falar o mundo, que tem sempre que falar. Burguês? Eis um dos termos mais deturpados da nossa época. Quer saber de uma coisa ? No fundo, e no bom sentido, todo homem é naturalmente burguês isto é, gosta de vestir uma camisa limpa... Vamos levantando?”

GRANDE sujeito! Como será? Conjetei: meia idade, bem vestido, bem calçado, ár próspero e saudável...

O ônibus chegava; aguardei e pude vê-lo da janela. Não, não me enganava, era ele. Apenas não tão moço quanto imaginara, terno azul-marinho, cerzido em mais de um ponto, sapatos velhos bem engraxados... No todo, um ar de modéstia arranjada, limpa. Destes é o reino dos céus!

DONA CANDINHA

Há madrugadas dentro de um ovo.

Antonio Torres, *In* Prós e Contrás.

FUI hoje à casa de dona Candinha. Não faço mistério: a pessoa deste nome é uma das mais populares cartomantes da zona norte. Fui hoje à sua casa, numa travessa em Todos-os-Santos, por indicação de uma colega do Ministério, e lá voltarei muitas vezes. Muitas vezes? Já agora não darei passo na vida, não empreenderei negócio ou viagem sem a audiência de Dona Candinha. Formidável.

ANDEI com sorte. Talvez devido à hora ou à conta da chuva, só encontrei duas pessoas à espera: uma senhora e um velhote.

– O senhor tem que esperar um instantinho. Faça favor, entre aqui para a saleta.

Falava-me um rosto bonito de mocinha, em que adivinhei logo a irmã mais nova da pitonisa, e que depois compreendi ser a filha mais velha.

Mal me sentei, saía a terceira cliente. Ligeiro, como se tivesse pressa em aquilo saber que lhe revelaria o destino, o velhote, aspecto de homem de negócios, comerciais ou políticos, mergulhou na porta dos **Sancta Sanctorum**.

Fiquei mais a senhora, monumental loura de **toilette** preta e muita joia, dona do Cadillac parado à porta. Que problemas trariam ali aquela mulher? Estava disposto a puxar conversa, mas a loura absorvia-se na leitura de uma revista, muito tranquila, como se dali a cinco minutos não fosse realizar o magno encontro. Uma **habituée**. A falta de melhor passatempo, aventurei-me numa viagem ao redor da saleta.

Acima da bandeira da porta que levava ao recinto da pitonisa havia a dupla Cosme-Damião, alumiada por lâmpadas elétricas em forma de chama, entre flores de papel, que as moscas não haviam respeitado. Deixei os gêmeos para me perder nas alvuras alpinas da folhinha “oferta do Armazém Turuna, de Pinhão & Oliveira, à sua freguesia”. Mais interessante era a parede à direita. Aquela mulher, testa curta onde um “pega rapaz” lhe dá expressão a um tempo finória e ingênua, é a dona da casa. Fazendo **pendant**, ali está o marido. Que fatalidade. Autêntico marido de adivinha. Na farda caqui de oficial de polícia, fisionomia desbotada, tem exatamente o ar que, na opinião do povo, adquirem as fotografias dos que se foram para o além.

O tempo passava. O velhote, parece, tinha sérios obstáculos. Afinal surgiu, certo jeito de pessoa feliz, no fundo algo encabulado. Entrou a loura, que não se demorou menos, mas partiu francamente satisfeita:

– Bebeto! Chamem o chofer! Adeusinho!

ENTREI. Um defumador ardia sobre a mesa. Não enganava o retrato, era a mesma pessoa, apenas mais velha: quarenta anos, gorda e clara, doce de gestos e palavras, algo exótica no **peignoir** estampado.

– Boa tarde, meu senhor. Sente-se, esteja à sua vontade.

Tomei lugar em frente à mesa. Ela sentou-se numa banquetta, do outro lado. E espetando-me uns olhos de alfinete:

– Veio aqui por simples curiosidade, pois não?

A observação apanhava-me tão desprevenido que não ousei mentir.

– Em parte, minha senhora.

– Bem, vai acabar acreditando. Como é a sua graça, por favor?

Declinei-lhe o nome; anotou numa folha onde havia outros, numa caligrafia de colegial, e, tomando as cartas, pôs-se a baralhá-las com uma habilidade de fazer gosto.

– Corte, por favor. Não, não, com a mão esquerda. Assim, obrigado. Os gêmeozinhos vão lhe proteger, vai ver, dizia, ao mesmo tempo que dispunha as cartas.

– São Cosme e Damião?

– Sim, Cosme e Damião. Agora concentre-se, por favor. É para estabelecer a corrente... O senhor é casado.

– Noivo, minha senhora.

– Pois é, noivo, mas está tão próximo o casamento que já se pode considerar casado... Sua noiva é morena, muito bonita, e está apaixonada pelo senhor. Pequenas brigas... coisas de somenos. Aliás sua vida está em esplendoroso progresso.

– Mas...

– As dificuldades do momento vão-se resolver. Por si mesmas... Há uma pessoa que... sim, que lhe quer prejudicar...

– Não é possível, minha senhora. Não sei de ninguém.

– Isto é que o senhor pensa. Está aqui. Há, e é mulher. Loura.

– Loura? Só se é alguma antiga namorada.

– Justamente, uma antiga namorada. Olhe aqui a carta. Ela está enciumada pelo casamento. Não receba nenhum presente dessa pessoa, corte as relações e aviso de tudo a sua noiva. É uma mulher terrível... Também vai sair de repente de seu caminho. Ou por outra, o senhor, o senhor é que vai em breve mudar de ambiente.

–?!

– É, está aqui. Uma viagem à Europa.

– Uma viagem? À Europa?

– As cartas não mentem. Uma viagem à Europa, no fim deste ano ou no começo do outro. Vá de avião, que águas não lhe são benfazejas.

– Mas...

– Não tem mas. Dinheiro? Não é obstáculo, no caso. Olhe aqui, o senhor vai ganhar muito, mas muito dinheiro. Vai tirar a sorte grande.

– Eu?

– O senhor. Está aqui, as cartas não mentem. Costuma comprar bilhetes? Bem, compre sempre números terminados em 3, 6 e 9. Dou-lhe os parabéns, o senhor tem uma ótima estrela.

– E que devo fazer para conservá-la, minha senhora?

– Já lhe ia falar. Acenda uma vela aos gêmeozinhos, toda a primeira sexta-feira de nove meses seguidos.

Ergui-me.

– Quanto lhe devo? minha senhora?

– O preço é de dez cruzeiros. Dê o que julgar.

Não lhe paguei dez, mas cinquenta cruzeiros. E não estou arrependido. Ofereceria mil, se os tivesse à mão. Ora, de que valem cruzeiros diante de alguém que nos dá tão bons conselhos, que nos descortina tão belas perspectivas, viagens, sorte grande, ante alguém, enfim, que nos entorna sobre a cabeça a cornucópia de tantas esperanças, num banho lustral de felicidade?

ANÚNCIOS

Se havia uma coisa que me dava prazer em pequeno era interpretar as figuras que a umidade desenhava na parede de um muro ou de alguma velha casa.

Eugenio Gomes, *In Espelho contra Espelho.*

CONFESSO: sou *ledor* inveterado de anúncios. E faço esta confissão sem constrangimento. Isto porque estou convencido de que anúncios são feitos para serem lidos e circunstâncias há em que são a única forma de matar o tempo – numa viagem de bonde, de cinquenta minutos, por exemplo, depois de lido o jornal e examinadas as nucas da frente e as caras do lado; que outra coisa menos indigna fazer, digam-me lá?

Ora eu a justificar-me, quase envergonhado. Talvez vocês, assim graves e sérios, não leiam anúncios, mas percam-se nas historietas em quadrinhos do “Gibi” e do “X-9” – que é tudo a mesma coisa. Alto e bom som repito: sou *ledor* inveterado de anúncios.

QUE prazer maior que ir distraído e, de repente, dar com isto:

PÉROLAS CULTIVADAS
Leonard Rosenthal

Pérolas cultivadas... Maravilhoso encontro de palavras. Abundância de vogais, arabescos de ss finais, ritmo, sugestão poética, que mais falta aí? Isto podia

ser dito à Bem-Amada: “És uma pérola cultivada, anjo meu!” Pérolas cultivadas... Que é feito dos poetas, onde estão eles que não fazem esta **trouvaille**?

Olhem aquela loura de olhos cerúleos, busto erguido de dama da Renascença, decote atrevido, como fala a vocês sorrindo divinamente para a vida. Julieta, Beatriz, Margarida... Ponhamos Sulamita. A amada bíblica não inspirou versos mais apaixonados. Doce é repeti-los, o pensamento no azul:

**“Agora é apenas verdade
O que antes era poesia:
“A tua boca de sol”.
Olha só que claridade
que beleza, que alegria,
na boca exalando ODOL!
“A tua boca de sol...”**

Por falar em versos, o que não daria qualquer mortal para ser autor, anônimo embora, desta joia antológica, perfeita como um gazel de Hafiz ou um Rubaiyat de Khayyam, eterna enquanto durar a língua portuguesa:

**“Veja, ilustre passageiro,
o belo tipo faceiro
que o senhor tem a seu lado.
E, no entanto, acredite,
quase morreu de bronquite,
salvou-o o RHUM CREOSOTADO!”**

Este não tem ilustração. Para que, se as palavras aí falam como imagens, e que eloquentes imagens! Faz-lhe digna parelha, pela métrica e rima impecáveis, aquela outra joia, não menos preciosa:

**“Moça garrida e bonita,
você tem tudo na vida,
você tem tudo o que quer.
Mas prepare o seu futuro,
faça logo o seu seguro
com a SAÚDE DA MULHER”**

Já aquele rosto, mal libertando-se da faixa que duas mãos violentas para trás, tentando amordaçar-lhe os lábios, aquele rosto desvairado de angústia sempre me perturbou. Mas de uma vez já me visitou em sonho. E seja a semelhança de apresentação gráfica, seja o paralelismo de sentido, evocam-

me aqueles versos imortais em que se diz que “a alma humana busca os largos horizontes e tem marés de fel como um sinistro mar”. Vejam se não é mesmo um doloroso desabafo dostoevskiano atirado para o céu, arremessado para o infinito:

**“Larga-me, deixa-me gritar:
Xarope São João é bom!”**

E outros e outros... E o homem da Emulsão de Scott, com o bacalhau enorme às costas – evocando **fjords** da Noruega, vagas encapeladas, rostos de velhos lobos do mar, e associando-se inesperadamente às nossas ideias, interferindo não raras vezes em sonhos – o homem do bacalhau às costas, que não sabemos para onde vai, mas sabemos que vem dos dias de nossa infância, dos primeiros passeios de bonde, de manhãs ou tardes afogadas nas águas do nunca-mais!

É assim variada e pitoresca a viagem no mundo dos anúncios. Além – evidente – além de ilustrar.

- Qual o melhor remédio para bronquite?
- Rhum Creosotado.
- E o melhor xarope para tosse de menino ?
- O São João, minha senhora.

Num teste:

- Quantas espécies há de pérolas?
- Duas.
- Cite-as.
- Verdadeiras e cultivadas.

Agora me digam: um perfeito cavalheiro não deve saber tudo? E mais: não é supinamente honroso funcionar sempre cem por cento, tal qual o nosso colega de trabalho, o nosso amigo, a nossa vizinha louca, em suma, como toda a gente? Erudição de anúncios à semelhança da cultura de almanaque? Que importa? Eis aí um preconceito. Atingimos ou não, respondam-me, a idade de ouro democrática ?

ZONA SUL

Copacabana arde num delírio de cor e de forma, e se sente na multidão palpitante que abraça as ondas...

Barreto Filho, *In* Sob o olhar malicioso dos trópicos.

FLAMENGO

CHUVA sobre o mar... (Clima absurdo, sai-se de manhã com o sol, volta-se à tarde encharcado). Desce em bâtegas à entrada da barra. Doce de contemplar. Caem os pingos isolados: risos oblíquos! Como em gravura a ponte seca. Instalado no conforto relativo deste CASTELO-COPACABANA, aqui te vais. Quase vazio... Aquele senhor tem um jeitão espanholado de argentino. Veio conhecer o Rio. Como fuma a... será uma **Fräulein** ? Aqueloutra tem um ar de pomba triste. Como voa este ônibus! Olá, chofer, mais respeito à vida alheia! Seria inútil. Ficou para trás a Glória. Quando me decidirei, enfim a galgar o outeiro para ver de perto a ermida da virgem? Certo, a aproximação distância. Lá está a Urca; o fotogênico Pão-de-Açúcar – postal para turistas! Largada no banco, tão suja, esmulambada, em pleno Flamengo. Quantos a notarão? Indiferente ao chuvisco. Passam tão céleres os carros... A velocidade elimina as derradeiras possibilidades de fraternal comoção. Vida vertiginosa, tumultuária

– triunfo cego de egoísmo. Quanto mais gente, mais sozinhos. Civilização. Somos os novos bárbaros. O quê? “– Foi o lotação que abalroou o **jeep**”. Há sujeitos que sabem tudo! Terei a notícia pelo meu vespertino. Cidade maravilhosa, não. Melhor cidade dos desastres. E contudo... todos querem viver aqui, de qualquer jeito. Os que moram na província querem vir para o Rio; no Rio, não descansam enquanto não se instalam na zona sul; na zona sul, o sonho dourado é Copacabana... E vai estiano a chuva.

BOTAFOGO

ACOLHEDORA como um abraço. Sempre amei esta enseada. Num desenho de *Debret*, era bem diferente... Cajueiros na areia. Homens do mar abicavam aqui as suas canoas e estendiam as redes sobre as copas redondas. Ignorados do mundo – e felizes! “Chácaras” ao longo da praia, com muros espetados de cacos de vidro coloridos. Conselheiros barbudos bebericando cafezinho, faziam e desfaziam a política do Império. Pedro II exercitava rimas e estudava hebraico – o Magnânimo. Tempos tranquilos! Patriarcalismo. O negro escravo sustentava tudo. Saraus, sinhazinhas, admiração babosa por “la France éternelle”. Um dia a república sacudiu a modorra. E ergueu palacetes. Agora os palacetes democratizam-se em colégios, habitações coletivas, guarda-móveis. Jardins abandonados. Não tardará a ser invadida pelo apartamento. Ficou por aí (percebe-se) um ar característico: as fachadas respiram história, tradição. Mourisco. Curioso entorno. Ah, um cego. Cuide! não mais existem tais músicos ambulantes. Toca, ceguinho, expande a tua queixa! Toca, engana-te a ti e aos mais. Que só a música esquece essa outra melodia que em surdina, no fundo da gente, lá na última galeria... Duas ciganas. Linda, a mais nova. Quebraram para a Praia Vermelha os multicores vestidos. Vão ler a **buena dicha** para a granfinagem da Urca. Uá, uá, uá... Uá, uá, uá... Atordoante. Inventado esse túnel de propósito para separar Copacabana do resto da cidade?

COPACABANA

EI-LA! É a zona sul, o coração da zona sul! Copacabana. Como se entrega sem pudor! Sigamos a pé, pisando o mosaico da calçada elegante. (Içada a flâmula vermelha do Posto 2: Cuidado, praiheiros, o oceano está enfurecido!). Verde e branco, verde e branco. Civilização e natureza. Distante tempo em que tudo isto era deserto areal, coberto de pitangueiras!. Hoje, quase outra cidade, com uma vida que lhe pertence. De tudo. Desde a lojinha de quinquilharias ao **magazin** de grandes proporções. Casas de arte, de **bric-à-brac**, de curiosidades, um empório de coisas raras e deslumbrantes, luxo e conforto. Ciclistas. O mau tempo proíbe-lhes a delícia da água e areia. Juventude esportiva, sadia, sem amielianas complicações. À noite, blusão ou **short**,

espalha-se ao ar livre por esses bares de nomes sofisticados: **O.K., Bolero, Shangri-la...** Perfis judaicos, carapinhas espichadas, louras, morenas, bronzeadas. Cosmopolitismo. Os homens graves, de péssima memória, horrorizam-se, falam em “viço grosseiro dos tempos”. Moralismo. Novos tempos, eis tudo. Nesta areia, foi nesta areia a arrancada dos 18... Continuam avançando, fuzil na mão, em desalinho mas desassombrados, no quadro famoso e nas imaginações... Edifícios, edifícios, edifícios. Uma festa para os olhos a alva colmeia desses arranha-céus do Leme ao Forte... Como todos os outros bairros são tristes, encardidos! Aqui até a pobreza dos morros se disfarça para não afear a Praia-Cidade. Cenário translúcido em technicolor. Vem de longe esta brisa, impregnada de salsugem. Ondas bravias. Aqui os sargaços não fazem morada... Aprazível senti-la roçar na face, a brisa marinha, bebê-la e aspirá-la a fundos haustos. Lavam-se os pulmões de puro oxigênio. E a alma torna-se ingênua, jovial, a alma sorri de feliz. Deixamo-nos ir! Toca uma eletrola, por aí, uma canção exótica. Hula-hula. Guitarra:

Bali Ha’i!
May call you
Any night and day.
In your heart
You’ll hear it call you:
“Come away, come away”.
Bali Ha’i!
Bali Ha’i!
Bali Ha’i!

Estou às margens da Guanabara ou numa ilha dos mares do sul?

IV

SILHUETAS

ADOLESCENTES

.. vão, espaço afora, estrelas enamoradas.

Raul Pompéia, *In* Canções sem metro.

A Sombra é amiga sob as árvores. As copas altas, livres umbelas a desafiar a severidade do sol, rendilham claros-escuros pelo chão... Ao ruído de passos, os pardais esvoaçam dos canais que serpeiam em curvas de águas ornamentais. Num ruflar barulhento de asas, vão pousar nas hermas dos homens célebres, mergulhados num sono – a glória é tão confortável! – de que ninguém os arrancará, como suas obras à poeira das estantes. Entediado, sem ter com quem perturbar a ordem, o guarda municipal senta-se, acende um cigarro, dá uma volta, torna ao ponto de partida, acende outro cigarro; dá uma volta, torna ao ponto de partida, acende outro cigarro, Ah, esta serenidade de três horas da tarde em dia útil no Passeio Público! Esta serenidade está à espera de um poeta. Onde estão eles, que a não vêm cantar?

DEIXAR os poetas. Hoje têm inspirações menos virgilianas: a questão social, uma viagem aos Estados Unidos. E o Passeio Público, onde poder-se-ia ainda encontrar os criadores de Iracema e Capitu, em discreto colóquio, fica para os fotógrafos ambulantes; para os desempregados; para as **grisettes**; para o senhor aposentado que traz migalhas para os peixinhos e vem ler à fresca o seu jornal; para o **basset** da solteirona; – fica, sobretudo, para os adolescentes.

Os adolescentes! Reparaí como esses jovens pares romantizam a atmosfera idílica do jardim: sem eles o quadro estaria incompleto. Eles é que não atentam para nada, os adolescentes. O passeio Público é hoje um Panteon. Um mundo histórico vive em torno deles. Mas que lhes importa este mundo, aos adolescentes! Sim, que lhes dá quem tenha sido Chiquinha Gonzaga, a maestrina; o poeta Bilac; o jornalista Ferreira de Araujo; os pintores Pedro Américo e Victor Meireles, seres tão distantes, tão vagos... Que lhes pode falar o portal lavrado em pedra, encimado pelas efígies da Rainha Maria e Pedro II !, obra de mestre Valentim, o mulato de gênio? Nem lhes pergunteis quem foi Castro Alves. Não é que desconheçam o poeta dos escravos; deste já ouviram falar, mas através da resposta anedótica do **Deus! ó Deus, onde estás que não respondes?** do “Navio Negreiro”.

Vede: os livros estão caídos no chão, instrumentos inúteis. Com as folhas secas, o vento arrebatava as folhas dos cadernos onde foram garatuçados os pontos de aula. Lá se vão em remoinho... Ora, que mais dá! Eles ignoram literatura e história, francês e álgebra, mas bem sabem que “a árvore da ciência não é a árvore da vida”. Na verdade é saber bastante... E ei-los, os adolescentes, mãos unidas, bem juntos, sentados no banco – ali, mas quão longe, quão longe dali!

CURIOSO saber o que dizem os adolescentes. Impossível que já agora estejam arrependidos de ter gazeteado a aula, Difícil admitir que discutam as vinte e cinco do **que**... Provavelmente vieram para ali a fim de melhor combinar o noivado em segredo, com planos de casamento ao fim do curso. Cedo? Se for preciso, ele deixará os estudos, romperá com a família, assassinará o Presidente da República! Encontrou a eleita e por ela, o seu tipo, fará impossíveis. Que lhe peça a lua numa noite de verão, e ele irá buscá-la.

Mas, reparem, é ela quem fala, enquanto ele, a cabeça inclinada em seu ombro, ouve-a em grave atitude de cavalheiro, a beber-lhe as palavras. E se a interrompesse, seria decerto para dizer uma frase que começaria: “–Querida, na doçura musical de tuas palavras...” Ela calar-se-ia de súbito, não porque achasse estranha a linguagem, mas porque... ele saberia porquê... E deixar-se-iam estar longo tempo em silêncio a fitar-se nos olhos, as janelas da alma. Ó adolescência! Ó primavera!

Que foi? Eis que se atiram cada qual para o lado, numa cristalina risada que põe em debandada os ariscos pardais. Levantam-se. E rindo ainda, Dáfnis e Cloé de mãos entrelaçada, lá se vão entre as árvores, sob a sombra amiga, alameda afora – confiantes, belos, alegres e transparentes qual dois raios de sol...

Mas... Ai, esta esperança, durará pouco mais de um mês, se durar tanto. Simples melhora com mudança de ambiente, os antigos sintomas voltarão. E mais tirânicos. Fastio, insônia, suores noturnos, e aquele nervosismo, aquela irritação a um tom de voz mais alto, um gesto indiferente, um rosto grosseiro. Certos dias o termômetro acusará 39º. Que pesadelo! Para que viver? Cartas sobre a mesa... Onde vontade para responder? E o espelho, meu Deus, que diz o espelho! Será mesmo ela? Largada na cama, aqueles olhos de negros cílios deixarão cair as pálpebras, não cheias de sono, mas de infinito desânimo... Viver ou morrer - ser-lhe-á indiferente. Até que uma noite, a um acesso mais violento de tosse, o lenço se maculará de vermelho. Serena, murmurará: "Acabou-se. Antes assim". Não tocará a campainha. Para que chamar? Tudo é inútil. Deixar-se-á recostada nos travesseiros. Se o sono viesse e, com o sono, a morte libertadora!

FLOR OBSCURA

Para tristezas, para dor nasceste.

Antero de Quental, *In Os Sonetos Completos*.

LÁ vem num passo indolente. Conheço-a? Esguia e frágil. Seu rosto, levemente maquilhado, emerge qual botão de rosa do capote que a envolve nesta ventosa manhã carioca. Singular mulher. Pálida e bela como visão romântica.

Passou... Que vejo! Reconheço esses enormes envelopes azulados: são chapas de Raio X. Lá se vai num andar cansado e, com ela, a sentença de seu destino. Compreendo agora a razão do pesado capote, aquela ligeira inclinação de ombro, a palidez. Compreendo, adivinho-a. Certo, é uma débil flor de tronco arruinado. A condenação fatal corre em suas veias e, inexorável, há de cumprir-se. Pobre Leilah!

SIM, deixem-me supor, já que é esguia e frágil, deixem-me supor que se chama Leilah. Imagino sua infância: foi uma criança a quem a fragilidade não permitiu seguir regularmente o curso escolar. Enquanto as outras de igual idade seguiam para o grupo, contentes em seus uniformes, a menina triste ficava espiando da janela... Para ela vinha a professora a domicílio e as aulas eram uma obrigação monótona. Mais tarde, em casa, o piano exigia um esforço que Leilah não podia fazer. E de renúncia em renúncia ficou-lhe apenas - doloroso refúgio - o mundo dos livros. Os romances de Leilah. As suas fantásticas viagens entre quatro paredes!

Mas aquele cansaço, aquele desânimo. E a pontinha de febre todas as tardes. Levaram-na ao médico. Não era nada, apenas minúscula mancha no pulmão direito, afecção que tratamento rigoroso faria desaparecer. Um ano. Dois anos. E desde então, além dos romances, que já não lhe proporcionavam prazer, mas tornaram-se um vício, os dias de Leilah encheram-se de trabalhosa ocupação: estas chapas mensais de Raio X. Pobre Leilah.

Mas, pior que tudo isto - ela não sabe - amanhã terá que seguir para melhor clima, num sanatório de cidade serrana. De novo um médico afirmará que não é grave, e que em meses estará completamente curada. Uma esperança animará durante dias sua vida triste. Quem sabe! A Deus nada é impossível. Sanatório é para doentes: Leilah ficará sozinha, na sociedade de outros condenados. Cartas de casa. Palavras animadoras. Bençãos. Ela responderá dizendo-se melhor, que não tenham

cuidado. Haverá alegria na família; atribuirão a um milagre. Conselhos piedosos. E ela atenderá; que não faz o desespero de um condenado?

Mas... Ai, esta esperança, durará pouco mais de um mês, se durar tanto. Simples melhora com mudança de ambiente, os antigos sintomas voltarão. E mais tirânicos. Fastio, insônia, suores noturnos, e aquele nervosismo, aquela irritação a um tom de voz mais alto, um gesto indiferente, um rosto grosseiro. Certos dias o termômetro acusará 39°. Que pesadelo! Para que viver? Cartas sobre a mesa... Onde vontade para responder? E o espelho, meu Deus, que diz o espelho! Será mesmo ela? Largada na cama, aqueles olhos de negros cílios deixarão cair as pálpebras, não cheias de sono, mas de infinito desânimo... Viver ou morrer - ser-lhe-á indiferente. Até que uma noite, a um acesso mais violento de tosse, o lenço se maculará de vermelho. Serena, murmurará: "Acabou-se. Antes assim". Não tocará a campainha. Para que chamar? Tudo é inútil. Deixar-se-á recostada nos travesseiros. Se o sono viesse e, com o sono, a morte libertadora!

"—LEILAH morreu! Leilah morreu!" - será a notícia brutal, uma manhã no Sanatório. Para que a ocorrência não perturbe os outros doentes, entender-se-ão por meias palavras; para não impressioná-los, depressa levarão dali Leilah morta. Prantos, desesperos, flores, muitas flores - presente inútil para Leilah. E à tarde, talvez uma tarde chuvosa, um coche seguido de dois ou três automóveis arrastar-se-á numa estrada lamacenta conduzindo um caixão pouco maior que o de uma criança, para um abandonado cemitério de vilarejo... O branco caixão de Leilah, a que nasceu para a morte.

A PARTIDA JOGADA

Dói-te a festa feliz da verdade da vida ...

.....

E és náufrago de ti, a harpa caída, agora

Pedro Kilkerry, *In Harpa esquisita.*

AS horas avançam implacáveis, as horas fogem. Há um rádio vizinho que grita sambas e anúncios o dia inteiro; há ruído de tímpanos e buzinas, agudos como pontas de aço no ar quente e seco; há ecos de vozes perdidas, distantes... Numa palavra, todos os ruídos da urbs trepidante, da vida vertiginosa.

Entretanto, o corpo largado no leito humilde, o olhar fixo num ponto abstrato, ele nada ouve. É o fim. É o fim e não o ignora, nem teme: serenamente espera o que tem de ser. Que lhe importa o ritmo das horas, que lhe importa a vida? Mais que nunca, é agora uma criatura liberta do fardo do Tempo. Caíram ao chão as algemas do escravo... Identificado consigo próprio – enfim! – apenas um grave pensamento o preocupa. Ardentemente se interroga. Afinal que espécie de homem foi ele, onde o segredo de seu destino invulgar?

AIMAGEM dos dias antigos, para sempre perdidos, anima-se com singular relevo ao fundo do seu espírito. Quão longe o tempo em que o ódio aos homens o malsinava, o agitava atormentada e dolorosamente. Depois, aos poucos, a sombra da indiferença que se colocou entre ele e o mundo. E, por fim, o silêncio, o exílio. Só, absolutamente só, agora. Mas, ele não o ignora, se alguém viesse, como sempre seria ainda uma vez para acusá-lo. Vencido. Quantas vezes esta palavra não fora a explicação menos ofensiva nos lábios dos parentes” Na verdade nunca tivera jeito para a vida, para o que eles entendiam como a vida...

E a voz dos amigos, recriminando-lhe o temperamento, aquilo a que chamavam o seu “maldito espírito de originalidade”, que o levava a ousar reinventar a vida por conta própria, através das pretensões de uma pseudo-arte, como se fosse possível, como se Deus claramente não houvesse “criado todas as coisas em número, peso e medida”.

E, mais grave, mais doloroso porque vinha **dela**, a sua indignada palavra, a última: “Ninguém o compreendeu melhor que eu. Não fui para você senão uma experiência a mais; por isso o odeio, o desprezo”.

Sim, ele sabia, ainda agora todos os acusariam, e pelos mesmos motivos, talvez com as mesmas palavras. E, como sempre, ele ouviria ainda uma vez estas interpretações e deixar-se-ia ficar em silêncio, pois há muito que não mais o perturbavam. É que estas interpretações, na sua ligeireza, não continham senão metade da verdade – o seu aspecto exterior. Mas a essência, o sentido profundo, quem lho revelaria? Senhor, onde o segredo de seu destino invulgar? Por que não fora como os demais? Por que terminava assim?

Nestas divagações, as horas fugiam e os dias, Até que certa manhã, que devia ser a última, aproximando-se com dificuldade da janela, descobriu uma criança no jardim de uma “vila” fronteira. Brincava. Súbito reparou que ela comia uma fruta. Era uma maçã, rubra maçã maior que suas claras mãozinhas.

A alegria da criança! O sentimento de posse de suas pequenas mãos. A avidez de seus lábios ao mordê-la. Encantado, sem poder retirar os olhos daquela cena, deixou-se a contemplá-la. Mas, um instante depois, surpreendeu-se a monologar: “Como tudo é simples, criança. Terrivelmente simples. Compreendo agora o segredo de minha vida, lucidamente o compreendo: **tudo que eu amei, amei com paixão.**”

Deteve-se algum tempo no círculo destes pensamentos; depois, fisicamente cansado, afastou-se dali, mas no fundo de seu coração apaziguado sentiu que tudo estava bem, e que perdoava, perdoava.

SOLANGE

Ó dançarina frágil como as rosas...

*Augusto Frederico Schmidt, In Mar
desconhecido.*

CHAMAVA-SE Solange. Fina, pequena, trigueira. Cabelos apartados ao meio em duas tranças negras, vivaz de gestos e palavras, lembrava uma ciganinha. Treze anos recém-feitos. Quer dizer: há muito que deixara para trás o medo do escuro, as bonecas, as pirraças infantis... Com a força dos seres virgens, adolescência. Tinha momentos de inexplicável tristeza e de súbita alegria inexplicável; conhecia já os pressentimentos, os sobressaltos, as dolorosas perguntas sem respostas. E à noite sonhava sonhos que guardava em segredo, que calava de pudor... Sem o saber... vivia aquele minuto azul do qual se disse:

**entreaberto botão, entrefechada rosa,
um pouco de menina e um pouco de mulher.**

E Solange morreu. Contam-no, numa coluna em itálico, retrato e abundância de detalhes, os matutinos de hoje. Na linguagem brutal de noticiário, sob um cabeçalho de sensação – o último carnaval de Solange – lá está na primeira página, curto e doloroso.

Foi o caso que, satisfazendo antigo sonho da filha, a mãe fizera-lhe este ano, pela primeira vez, uma fantasia de havaiana. Ligada à vizinhas, a pequena Solange vinha brincando o Carnaval, o seu primeiro Carnaval. Sábado, domingo, segunda... Oh, com que rapidez para a sua alegria iam os dias correndo! Se ela pudesse fazer parar o tempo; se a vida fosse um Carnaval todos os dias! Precisar estudar latim e matemática, fazer deveres, copiar pontos... E agora chegava o terceiro dia. O último dia! Era preciso aproveitá-lo bem. Dirigiu-se para o quarto dos pais: ia pôr-se bonita. Mirou-se um instante ao espelho, súbito afastou-se para o interior da casa, e ei-la logo de volta, uma caixa de fósforos na mão.

Pobre Solange. Não sabe que a fatalidade ronda à espreita de uma presa. A intenção de Solange é, naturalmente, marcar com o palito apagado um sinalzinho na face, igual a tantos outros que em outras ocasiões lhe marcara a mãe, numa operação rápida e fácil. Mas para que a ajuda da mãe se já agora

não é mais aquela criança de outros tempos? Ela própria, por suas mãos e a seu gosto, dará aquele último na **toilette**. Depois, quando os pais a virem, hão de admirar-se... sorrir e gostar. E risca o fósforo, mas eis que, ao fazê-lo, o fósforo parte-se, escapando-lhe aceso das mãos.

Foi tudo num relâmpago: o fogo incendeia as tirinhas de celofane de sua saia de havaiana, transformando subitamente numa labareda a fantasia. Desesperada, Solange corre aos gritos. Mas o vento alimenta o fogo e, quando pessoas acodem, é com dificuldade que dominam as chamas. Minutos após, entre comentários de curiosos, o carro branco da assistência leva Solange com ruído...

- Não resistirá.
- Talvez....
- Deus é grande!

TRANQUILA amanhece a cidade nesta quarta-feira de cinzas. Nos escassos vestígios das ruas, varridas pelos garis, mal se adivinha a loucura dos dias de Carnaval. As coisas têm um ar ingênuo, repousado, casto. É como se a cidade tivesse de repente submergido; atmosfera de vida submarina. Na transparência esverdeada das águas alonga-se a mancha azul de pequeno caixão. Carros fantásticos, em movimento de câmera lenta, acompanham o féretro minúsculo.

Por quê? Efeito da hora ou insensibilidade? Lúcido, olho o cortejo passar e não consigo comover-me. Nem ao menos ter surpresa...

Perdoa, Solange! É que **em teu nome** eu sempre pressenti este epílogo. Solange, nome de noiva impossível, de musa, irmã de Natércia, Marília, Josefina; Solange, nome para ser gravado sobre uma lousa, junto a duas datas brevíssimas entre lírios, mistério, poesia...

ESSA QUE ORA AÍ VAI...

*Graves deveres me esperam nessa terra
noturna, nessa Pátria ultrajada.*

Maria Isabel, *In Rosa Leve.*

ESSA que ora aí vai, desconhecida na multidão; essa que aí passou envolta em mistério, silenciosa e esquiva – romanesca; essa que eu conheci um dia. Amigos, não a fixeis com olhos admirativos. Olhai-a como o faríeis a vossa irmã. A sua história é invulgar; ou, se vos parecer comum, direi que a repercussão em sua alma foi profunda, de consequências fatais. Daí, agora, seu jeito de quem tem medo da vida, seu ar de sombra, essa auréola de mistério que a marca. Sim, eis a maneira humana de compreendê-la: uma criatura marcada.

NUNCA chegaram a aproximar-se intimamente. Mas a verdade é que ela estava apaixonada por ele. Perdidamente apaixonada. Os dias em que o via, embora de longe e ligeiramente, eram grandes dias para o seu amor. Duas palavras pelo telefone faziam-na feliz por uma semana. E como era sensível, como tinha imaginação, envolvia-o por escrito com as mais belas expressões, nascidas do coração.

E as que não dizia! Ah, o seu amado! Um simples detalhe levava-a para viagens imaginárias. Ele era o refúgio, o consolo, o porto. E nos seus lábios evocados colhia flores, beijos. Na verdade abdicava toda de si – amor próprio, liberdade, orgulho – para toda com ele se identificar, ao ponto de poder dizer-lhe: “Eu sou tu mesmo!”

Mas ele recebia estas homenagens com indiferença. Evitava os encontros, era o primeiro a desligar-lhe o telefone, jamais respondia às cartas, que, de resto, lia de corrida, deixando-as de lado, não raro perdendo-as, algumas vezes mostrando-as aos amigos, para comentar: “– Que mulher aborrecida!” Ou, julgando fazer uma frase de espírito “– Mas que fiz para merecer tal castigo?” E ria, zombava da intensa paixão que inspirava.

O Tempo, inimigo tenebroso, prosseguia. Nas águas do rio imenso, lá iam o amor de uma mulher e o desamor de um homem... Que importava uma dor a

mais, se é delas que o rio engrossa as águas, se é delas que se alimenta? Pobre coração humano!

E ela, cega de amor, esperava. Que pode fazer um coração senão esperar? Impossível que um milagre não se realizasse. Foi quando alguém, que lhe queria muito, delicadamente lhe mostrou a realidade. Ela sorriu, descrente: na verdade não a compreendiam, o mundo julgava pelas aparências. Se soubessem de **certas coisas**, se vissem a sinceridade com que lhe apertara a mão no último encontro, as palavras que dissera, a entonação de sua voz... Impossível fingir com tanta astúcia, impossível fosse tudo um sonho. Sentia, sentia que o momento do milagre não podia tardar. E então...

Não, não me demorarei nos detalhes de um desengano. Dir-vos-ei apenas que veio num momento em que esperava exatamente o contrário, tal o requinte da vida em ferir. Então sofreu muito, durante meses o espectro da morte rondou-lhe o frágil corpo,

E de volta da terrível experiência sentiu que o ódio se aninhara ali onde outrora habitara o amor. Analisou-se com horror, mas era a verdade. Exausta da luta antiga, abandonou-se à sinceridade do sentimento. Com a mesma força, odiou. E muito tempo deliciou-se nesse prazer satânico, muito tempo viveu desse amargo licor.

ALMA naturalmente generosa, porém, o tempo ensinou-lhe quão mau companheiro era o ódio. Aos poucos um novo sentimento a dominou e nova fase se abriu em sua vida solitária. Como éramos frágeis, indefesos, pobres! Sombras de um dia, vimos para as crucificações incruentas, para as longas abdicações silenciosas. Demo-nos as mãos, apertemo-las firmemente: somos todos irmãos na dor. Só uma forma de amor nos assiste: a piedade. Piedade, por nós mesmos, por aqueles que passam a nosso lado, pelos que vieram e pelos que jamais veremos. Piedade por tudo e por todos!

Esta, agora, a sua compreensão, o segredo de sua vida. Daí seu ar esquivo, silencioso, romanesco. Em verdade, ela é uma exilada neste mundo.

M. P.

Ser amigo é repartir a vida.

Murilo Mendes, *In O Discípulo de Emaús.*

AGORA que ele se foi, agora que partiu para longe, e talvez para sempre, tento fixar espírito e coração desse companheiro admirável. Tenho diante de mim seu último retrato. De retângulo marrom, onde após uma dedicatória na sua caligrafia vertical, ele está a fitar-me aqueles olhos plácidos, inteligentes e acariciadores, olhos que tudo sabem e silenciam sempre...

Evidentemente me fita. Prefiro, porém, cerrar as pálpebras que a contingência humana não perturbe esse encontro singular. Chamo-o baixo pelo nome, escandindo uma a outra as sílabas. Ei-lo que se aproxima... Não; não é o prestígio da distância, no tempo e no espaço, que o torna grande! Ei-lo que se aproxima e, já agora, não fragmentado como quando o tinha perto, mas total, completo e perfeito. Boa noite, irmão!

SIM, és tu mesmo. Não te houvesse viajado em todos os sentidos! Descobrir-te-ia numa multidão. É tua essa atitude, esse personalíssimo jeito de ser, que não diz nada e diz muito a um tempo, como os teus olhos. Sim, porque o silêncio é o teu traço característico, a tua eloquência, e também a fonte dessa simpatia que te torna irresistível para quem de ti se aproximou uma vez. Para alguns parecerás melancólico; e o és, por temperamento. Um sábio auto-conhecimento, ciência que praticas sem descanso, implacavelmente, faz-te todavia guardar para a solidão esse estado de espírito. Em sociedade, se te surpreendes mergulhado nele, apressas-te em sacudir essa poeira malévola e não raro com uma saída de zombaria a tua gravidade, originalíssima de humor. Assim, não sendo um importuno folgazão, não chegas também ao gênero sombrio, e o que seria defeito em outrem, tu transformas em qualidade apreciável.

Leva isto a pensar em bom senso. Com efeito, é outro traço do teu caráter, por que velá-lo? Injustiça seria dizer, porém, que esse traço assumia em ti feição antipática, dando impressão de mediocridade, de inteligência em três dimensões. Não; tu usas do bom senso como de um recurso indispensável e nada mais. É na tua natureza harmoniosa o claro sentimento da proporção das coisas, inato em parte e por outro lado conquistado através da lição da experiência, do domínio da razão sobre o sentimento. Bom sem

sentimentalismo; otimista sem tolo romantismo; simples como uma criança – és um poeta que se ignora.

A cultura, é verdade, não constitui o teu forte; mas a cultura, entenda-se, no sentido de assimilação livresca de teorias e princípios abstratos, de erudição. Porque, intuitivamente refratário à meia-ciência, inimigo mortal do preconceito e da convenção, possuis a intuição ontológica da vida, dom carismático dos anjos e dos santos. Homem de fé, fé pura e robusta, gozas a ventura da perpétua alegria, segredo da tua força. Sensível, os revezes e as injustiças ferem-te profundamente. Mas, o que é admirável, ao invés de te abater, são, ao contrário, outros motivos para continuares a crer e a lutar, mais forte, mais animoso, mais audaz.

Numa palavra, és uma criatura privilegiada. Por isso tantos te disputam. És o que está conosco na hora amarga e solitária, para dizer a palavra que levanta a alma ferida; és um irmão mais velho que não julga nunca, mas prefere amar-nos e amar-nos; és, enfim, aquele cuja simples presença é uma benção.

DESCERRAM-SE-ME as pálpebras. Lá se esvaneceu a imagem do amigo. Não importa; longe embora, tenho-o no coração, vivo e presente. Na verdade ele é aquele tesouro escondido de que fala o Livro. E a mim – a minha alegria! – a mim coube a ventura de o descobrir. Longe ou perto, não o perderei jamais.

V

FUGAS

CARNAVAL

Também aí desaguam os cantos e as melodias de todo o povo do Brasil.

Graça Aranha, *In A Viagem Maravilhosa.*

Aurora queria romper das águas. Mas quem ia prestar atenção à aurora, ali, no **hall** da estação das barcas Rio-Niterói, às três da madrugada, numa quarta-feira de cinzas?

Exaustos, moídos, arrasados pelo cansaço de três dias de Momo, os últimos foliões, derreavam-se pelos bancos. E como estes eram poucos, muitos estiravam-se pelo ladrilho, junto às paredes, fardos humanos de perda dignidade...

Aqui uma baiana, esquecida de seus balangandãs, boca entreaberta, dormia sobre o peito de um legionário amolentado; ali um “sujo” com máscara de burro roncava incógnito; mais adiante jovem princesa do Oriente, de **maquillage** desfeita, cabeça apoiada nos braços, cochilava sem donaire nem mistério. E pelo chão coberto de confetes e serpentinas, numa desordem de cuícas, pandeiros, reco-recos, pernas e ventre pilosos de marmanjos em sainha confundiam-se com coxas verdadeiras de falsas havaianas e nívios seios adolescentes que ninguém queria ver..

Alguém, de pé, esquadrinhando a baía, num bocejo:

– Parece que lá vem a barca...

– Qual o quê, mano, barca só às quatro! Ainda temos de gramar quase uma hora, comentou outro, molemente.

Um cheiro de éter e bodum errava pelo ar. Tédio de fim de festa... Tédio que a luz mortíça das lâmpadas, chapando manchas amarelentas nos rostos, ainda agravava. Mas atentando-se bem, havia certa beleza naquela orgia de formas e de cores, tarlatanas e organdis, ondulações de tafetá e cetim, lantejoulas, guizos, realezas de latão e ouropel – sugestão plástica que qualquer pintor amaria surpreender e transpor para um quadro.

SÚBITO, músicos exímios, entram pelo recinto a dentro dois apaches mulatos, um a tocar pistão, e outro trombone de vara. A pleno pulmões, atroam o ar com a música da marchinha de sucesso:

**“Maior é Deus do céu
e nada mais,
ai, ai, ai, ai!**

Eis que um folião levanta a cabeça. E logo outro se ergue, e mais outro, e outro... Daí a nada, estão os dois músicos fechados num círculo de curiosos.

– Vamos sambar, gente! Vamos sambar!

Desnecessário o convite. Já o canto acordava nas gargantas, já pernas e quadris subitamente despertados, pediam ritmo. Adeus cansaço, adeus sono! O pistão e o trombone ateiam de novo a chama que se ia apagando... Vozes enchem o recinto, improvisa-se pequeno carnaval:

**“Maior é Deus do céu
e nada mais. ai, ai, ai, ai!
A felicidade neste mundo
é muito grande,
por isso ele na terra
não volta mais
“Maior é Deus do céu...”**

E quando a barca chega, é um “bloco” que a toma de assalto. Pandeiros acompanham com um rendado de sons, reco recos arranham, cuícas fazem o fundo soturno com um ronco cavernoso, monótono. E sapateia-se, requebra-se, a berrar num furor diabólico, num frenezi. O pistão e o trombone comandam:

**“Maior é Deus do céu
e nada mais. ai, ai, ai, ai!
A felicidade neste mundo
é muito grande,
por isso ele na terra
não volta mais
“Maior é Deus do céu...”**

II

**Quem somos nós,
que vivemos**

**entre o mal e o bem?
Deus é maior.
bem maior
do que ninguém.**

“Bem maior”...

AGORA – espetáculo cotidiano, eternamente inédito – a aurora nascia. Lento e lento, no horizonte próximo, por detrás das montanhas, um halo prateado ia crescendo na curva azul do céu sem nuvens. Ia crescendo e esparzindo uma claridade a princípio tímida, logo radiosa, ofuscante, triunfal. E enquanto a aurora inundava a terra de sua luz, a barca, alva gaivota, singrava as águas serena, balouçante, à carícia da brisa matinal, levando aquela loucura de vozes, de sons, de movimentos:

**“Maior é Deus do céu
e nada mais. ai, ai, ai, ai!
A felicidade neste mundo
é muito grande,
por isso ele na terra
não volta mais**

“Maior é Deus do céu...”

LITERATURA DE CORDEL

Ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas, da memória e da imaginação popular.

Luis da Câmara Cascudo, *In* Contos tradicionais do Brasil.

PENDURADOS em barbante, ignominiosamente seguros por pegadores de roupa, os folhetos populares exibem-se à venda nas bancas de jornais e engraxates. Na infortável montra, castigam-nos o sol, a chuva e a poeira – mas eles resistem audazmente. Suas capas berrantes, de ilustrações monstruosas e títulos grotescos, são um convite. Não os compra a gente culta – no fundo tão ignorante, em arte, quanto a outra – mas a gente simples, operários, vendedores ambulantes, soldados, domésticas.

"O VERDADEIRO Grande livro de S. Cypriano", "O Livro Completo das Bruxas", "O Tesouro dos Sonhos". São os manuais práticos. Há neles solução para tudo, desde as misérias físicas aos males morais. Com simples rezas, "simpatias", bruxedos ou palavras mágicas, maridos rebeldes tornam-se fidelíssimos, mulheres frias passam a ardentes, atam-se ou desatam-se felicidades, curam-se doenças, retornam ausentes, ganha-se infalivelmente no jogo; em suma, como a um brinquedo, torce-se o destino em qualquer direção.

Freud debruçou-se uma existência sobre psicoses para avançar um nada na alma humana. Trabalho inútil, tempo perdido. No "Tesouro dos Sonhos", transmitido pelos "magos do Egypto e da Chaldea", há séculos estão sistematizados em definitivo todos os símbolos oníricos. Já eles, os grandes iniciados do ocultismo, sabiam que os sonhos têm sentido, que podem ser **prósperos, desfavoráveis, contrários, duvidosos** ou **nulos**. Sonhaste com grinalda? Para mulher solteira, rompimento de relações amorosas; para casada, infelicidade. Comprá-la, mudança próxima. Não satisfaz? Vê ainda: Dor, Flores, Matrimônio, pois trata-se de ciência em que tudo foi esquadrinhado e caracterizado, um conhecimento exato.

Passando à ficção e à poesia, a matéria não é menos rica: "A Princesa Magalona", "A Rosa do Adro", "A Mortalha de Elvira", "Elzira, a morta virgem". Absolutamente populares? Nem há que desdenhar. Ao lado desta sub-vegetação, alteiam-se espécies de alta literatura, estrangeira e nacional: "O

último dia de um condenado”, “Paulo e Virgínia”, “A Dama das Camélias”, “A Escrava Isaura”, e Alencar, Macedo, etc.

A poesia é toda de fundo folclórico. Peça interessante é a de Pedro Malasartes, “o menino plebeu, sem eira nem beira, que embrulhou meio mundo com seus truques e artes, ficando milionário e acabando ministro e secretário do Rei”, Pedro Malasartes, que, quando narrava suas aventuras, terminava com o verso desabusado:

**Não pedi para nascer
nem gosto de trabalhar
o mundo é feito de quengos,
eu também quero quengar.**

Não é tão eufórica a história de Pedro Sem. Blasonava nos tempos felizes:

**Sou soberbo, meu tesouro,
de tão grande não tem fundo;
com a força do meu ouro,
posso até comprar o mundo.**

Mas a soberba desagrada a Deus, e Pedro Sem – que trazia no nome a fatalidade de seu fim – depois de tripudiar sobre a alheia dor, terminava como Jó:

**Dai esmola a Pedro Sem,
o soberbo desgraçado,
que foi rico no passado,
que já teve, hoje não tem.**

A nota terrível, a mais comovente – que o povo ama as emoções fortes – é a história de “Inês de Castro”, a que morta foi “rainha”. Como adverte em prólogo o poeta, “nem à história nazarena se compara”, e:

**... Só lhe falta um Sheikespír
para lhe dar alma em casa.**

Obras de cantadores populares, há ainda os que homenageiam os heróis do dia: apaixonados, esquartejadores, criminosos-monstros; as que fazem o elogio de ladrões honestos “que tiram do rico para dar ao pobre”; e as que cantam os valentes, nobres criaturas jamais vencidas, pois:

**morreu de morte matada,
mas ferido à traição.**

FLORAÇÃO silvestre, de que a literatura oficial não se digna tomar conhecimento, mas curiosa e significativa, essa! Que delícia os seus velhos termos, os neologismos, refrões, a sua liberdade sintática e ortográfica! E entre o cascalho de imagens grosseiras, ridículas, que profusão de metáforas líricas, originais e fortes. Que importa não consiga transpor o limbo da verdadeira arte! Prosa ou verso tecidos em cores básicas, nada pretende, é apenas instrumento de emoção – e como atinge o objetivo! E o povo simples, que não quer senão emoção, dessedenta-se nessa fonte, que não seca nunca.

MANGUE

*Ah, jovens putas das tardes
o que vos aconteceu
para assim envenenardes
o pólem que Deus vos deu?*

Vinicius de Moraes, *In* Balada do Mangue.

DURANTE o dia é sem mistério. As fachadas berrantes, encardidas e velhas, e o lixo espalhado, onde vira-atas farejam, exibem-se cruamente, num despudor que desagrada.

À noite, porém, transfigura a zona das mulheres perdidas. Os detalhes sórdidos apagam-se na meia sombra. Uma multidão circula nas calçadas. Guardas perambulam proibindo aglomerações, vigiando o porte de armas, prontos a intervir ao menor sinal de desordem.

As esquinas, pilantras apregoam fotos aguçando a curiosidade:

– Só para homem! É só para homem, mulher não pode ver.

Regurgitam de frequentadores os botequins. É uma súcia. Pelas mesas, marujos louros emborrachados enlaçam mulatas, que os depenam.

– Yes! Very Well! Money, gringo, eu quero é teu money!

Falso contrabandistas, de sotaque castelhano, impingem aos incautos cortes de tecido **made in England** na etiqueta, e perfumes franceses, cheirosos só na rolha, fabricados no subúrbio. Chegam rufiões em terno de linho, **cachecol** de seda e chinelo cara-de-gato; boêmios batem samba em caixa de fósforo; pederastas namoram fardas; curiosos olham, à porta. Na atmosfera toldada de fumo, saturada de cheiro nauseante de cachorro-quente, entorna-se cerveja barata e parati. Vozerio, palavrões, gíria. Eletrola automática, a cruzeiro o disco, embala de música sentimental o ambiente:

Acorda, patativa, vem cantar!

Relembra as madrugadas que lá vão...

-VEM cá, vem cá, meu amor!

Busto e coxas de fora, pintadas com exagero, elas se expõem, mercadorias à venda, nas rótulas das portas. De relance excitam. Umas são claras, morenas

outras, outras queimadas; há grandalhonas e **mignonnes**; exóticas e simples; extremas juventudes e maduras; debochadas e quietas.

– Entrez, entrez, chéri!

Promessas. Voluptuosas promessas. Senhores graves quebram o chapéu sobre os olhos e entram, serenos do precário disfarce, que a experiência reforça. Já os rapazes, ardentes mas inquietos, os rapazes esgueiram-se afobados.

– Vem cá, meu bem! Vamos fazer um amorzinho !

De relance ateiam desejos. De perto desgostam. Cabelos espichados, brancuras macilentas, dentes de ouro, faces anavalhadas, vozes rouquenhas, e rugas, e perfis boçais, e expressões cínicas.

– Vem cá, vem cá, filhinho!

Cega é a carne. A obsessão animal torna a escolha – ai, são tantas – um problema. Que todas, em verdade, são interessantes até o ante-momento da posse.

Amor a preço fixo, e módico. Que ainda assim, às vezes, um freguês não quer pagar. Expulso do quarto, a cena vem terminar na rua. Até que a autoridade intervenha, ensaia-se um espetáculo com bofetões, berros histéricos, acanalhamento, obscenidades.

Estralam gargalhadas. E a ronda do Desejo, mãos dadas à Loucura, ciranda à vigília das estrelas noite a dentro.

AO amanhecer, a rua das mulheres perdidas retorna ao bom senso. Quase honesta rua residencial. Recolheram-se as mulheres, os transeuntes da véspera desvaneceram-se. Garotos batem bola de meia no calçamento. Domésticas levam compras para apartamentos da redondeza. Respeitáveis senhoras e pudicas donzelas cruzam, sem apressar o passo, certas de que não serão importunadas.

Mas não ignoram. Não ignoram e condenam, no coração, com dureza e rancor. Oh ilusão, oh cegueira! Não enxergam que a virtude delas se salva no pecado das outras, as mulheres perdidas.

OS DESAPARECIDOS

E resta a espera, que sempre é um dom.

Carlos Drummond de Andrade, *In Desaparecimento* de Luiza Porto.

NADA me comove mais do que ao abrir o meu vespertino (é sempre nos vespertinos) dar com a nota de “Os desaparecidos”. Na primeira página, não; nem na segunda; tampouco na terceira. Da quarta em diante, invariavelmente, entre conclusões da primeira, anúncios e matéria sem importância, é que figura o apelo. Apelo aflitivo de gente humilde.

Sim, porque filhos e parentes outros de ricos não se somem nunca. Melhor: não têm motivos para sumir-se. Ou quando tal acontece, gozam a honra de um Sherlock de boina e cachimbo ao seu encalço, sem nome nem retrato em jornal. Suponho que seja isso...

Assim, o apelo não parte nunca da burguesia, raras vezes da classe média, mas sempre da proletária. E ainda se diz que este mundo de Deus é muito pequeno. Grande é este mundo, pois gente existe que se some, que desaparece em seus ínvios caminhos.

FRANCAMENTE, nada me comove mais do que esses apelos. Não é, todavia, o drama do desaparecido o que me perturba. Longe de mim a intenção de menosprezar o seu sofrimento. Respeito-o. De fato, afora casos de rebeldia juvenil, quanto drama triste nas entrelinhas das notícias!

Os que levam a curiosidade até aí, conhecem. Ora é uma jovem que saiu para fazer compras no armazém próximo; ora um rapazola que foi levar um recado; ora uma senhora de meia-idade que abandonou a casa do filho casado; ora uma esposa, mãe de filhos menores, foram-se todos, dizendo que iam aqui ou ali, que já voltavam, ou não dizendo nada – e não voltaram mais!

Infelizes, evidente. Mas – reafirmo – não é o drama dos desaparecidos o que me perturba. O que me perturba é a dor dos pais, irmãos, filhos e maridos abandonados, a dor dos que ficam.

Por que os trânsfugas, afinal tiveram força para reagir, romper cadeias, pôr termo a uma situação intolerável, numa palavra, deram evasão à sua queixa. Não há qualquer coisa de romanesco em, depois de acalentar dias e noites a ideia favorita, sair uma tarde de casa, a bagagem resumida num lenço, ou

simplesmente de mãos abanando, sem compromissos, sem deveres, sem destino – leve, livre, ironicamente livre a caminho do desconhecido?

JÁ os que ficam... Triste o quinhão dos que ficam. No primeiro momento é a estupefação diante do fato consumado:

– Meu Deus, não é possível! Por quê? Não disse nada! E nem desconfiar! Ajudem, pelo amor de Deus! onde estará, onde estará! Façam tudo, daremos gratificação. Não é possível!

Depois o remorso, a auto-punição:

– Fomos duros demais, ofendemos com aquela palavra. Mas foi por bem querer. Para que batemos, também! Se voltar, há-de-voltar, não seremos tão severos. Ó Deus, que desgraça!

Tríduos, novenas, Súplicas a Terezinha do Menino Jesus, a Frei Fabiano de Cristo, com promessa de publicidade da graça alcançada. Velas, consultas a cartomantes.

Entra noite e sai dia. Vai-se o tempo: nenhum sinal. E a vergonha diante dos vizinhos, os diz-que-diz-que, as perguntas indiscretas, as surpresas fingidas, a satisfação dos perversos...

A ausência prolonga-se, não tem fim. Cada objeto, cada coisa do ser amado é uma acusação, uma saudade, dolorosa ausência-presença. Voltará? Não voltará? Houvesse certeza de que morreu, a confiança de que ao menos estaria em Deus era um consolo. Mas quem pode garantir que não está, a esta hora, passando fome, dormindo ao relento, doente, desencaminhado, sequestrado por maus elementos? Viram-no cerca das catorze horas numa estação, de relance; escapuliu-se; o repórter-amador também telefonou; foi-se ver; rebate falso, não era; era quase, o nome era outro...

Prossegue, semanas afora, a angustiada procura. E na aflitiva situação que se prolonga, resta apenas a dor certa e o apelo hipotético, alimentados, cada manhã, pela esperança, a última que morre.

O CIRCO

*Lembras-te da maior emoção que já tivemos?
Tão forte
que ficamos parados
olhando-nos mutuamente:
aquela tarde em que chegou
"O Grande Circo Internacional de Vigo"?*

Jorge de Lima, Meninice, *In* Poemas escolhidos.

UMA tarde, sem aviso prévio, o circo aportou ao terreno baldio com a sua traquitana: tábuas, lonas, cordas, bichos, homens, Para a gente grande aquilo era nada; para os meninos, que acontecimento!

– Chegou o circo! Eta, chegou o circo!

E horas depois a garotada do bairro estava no local, reunida por um toque de chamada audível apenas aos ouvidos infantis. Não demorou que se confundisse aos empregados-artistas na faina liliputiana de armação, pois era um desses circos miseráveis, sem nome, que vegetam pelos subúrbios. Já no dia seguinte amanheceu de lonas estiradas. Dir-se-ia um cogumelo-gigante brotado ali para espanto do bairro.

ERA um desses circos miseráveis, sem nome. Mas não lhe faltavam os elementos essenciais: o elefante e o palhaço.

Ao meio dia saíram ambos para a rua. Ei-los que apontam na rua principal e vêm avançando. O elefante, grave, episcopal, apertado na costura da pele; o palhaço, em contraste, fácil, hílare, encarapitado no dorso do animal, qual viva labareda nas suas vestes de cetim vermelho, a tirar sons festivos de uma corneta que faiscava ao sol. Num instante calçadas e janelas povoam-se de curiosos: ninguém tem mais o que fazer. Toda a gente quer ver, mas a dupla elefante-palhaço não espera. Ruidosa, avança sempre. Então os mais curiosos não resistem: mães de família, mocinhas, homens, rapazolas, deixam-se todos levar. São vinte, são trinta? De repente, o número de admiradores cresce espantosamente. É que chegaram à altura do grupo escolar. Hora da saída das crianças, o portão despeja um mundo de uniforme azul-e-branco na rua.

– É o palhaço do circo!

– Olha o elefante!

– Vamos ver! Vamos ver!

E correm, gritam; e chamam-se mutuamente. Os menores choram, abandonados pelos irmãos. As meninas não são menos afoitas. Uma professora esganiça-se vociferando uma ordem a que ninguém atende. Sobrepondo-se ao tumulto, indiferente, o velho vendedor de pipocas estertora inutilmente o pregão habitual:

– Pipoca! Pipoca com mel!

E do chão sem calçamento da rua esquecida de subúrbio sobe uma nuvem de poeira, que envolve tudo.

Imperturbável, o elefante avança, passos matemáticos, em deslocamento silencioso de borracha. Seguro em seu pedestal móvel, o palhaço aqui entra a improvisar números: equilibra-se um instante na tromba da cavalgadura, desce ao solo, torna a alçar-se, leve como brinquedo, ao tempo em que, triunfante, ora vibra a corneta em floreios agudos, ora em voz soberana convida o “respeitável público”, para a “formidável”, inesquecível função” daquele dia, às vinte horas em ponto. E remata:

– Cavalheiros, senhoras e crianças, não percam a oportunidade de apreciar o grandioso elenco de malabaristas, acrobatas, trapezistas, contorcionistas, aramistas e bailarinas da “Grande Companhia Espanhola de Variedades”. Completando o artístico espetáculo de hoje, será encenado o famoso drama francês: “O Conde de Monte Cristo”. Todos, todos, todos à Grande Companhia Espanhola de Variedades, às vinte horas em ponto!

A procissão caminha. Deixemos a gente grande, que vai ficando naturalmente saciada do espetáculo. E reparemos nas feições da gente miúda. Na verdade é com sentimento de posse que a gurizada contempla o elefante; e o palhaço é a seus olhos um ser extraordinário, um herói, um deus; sua profissão, a mais alta glória a que se pode chegar... Quem sabe um dia, não terão também um elefante e não serão tão gloriosos quanto o palhaço! E, magnetizados, berrando vivas, seguem o elefante e o palhaço. Lá se vão...

PARA onde vai o elefante? Para onde vai o palhaço? Para onde vão as crianças, presas a ambos como enfeitiçadas? Não importa. Vão até o fim do bairro, até o fim da cidade, talvez até o fim do mundo...

Deixá-los ir, mães. Não temais, que eles tornarão da lírica viagem, são e salvos, os vossos filhos. Jamais alguém se perdeu – e se se perdeu foi para melhor se achar – nos mágicos caminhos que levam ao país da poesia... E eles, ó mães temerosas, eles vão para lá, os vossos filhos. É toda a infância deles este brevíssimo instante, deixá-los ir, eu vos peço, deixá-los ir!

NATAL

Mudaria o Natal ou mudei eu?

Machado de Assis, Soneto de Natal, *In* Ocidentais.

TRISTE, cansado de si, algo perturbado pela consciência do isolamento, deixou o solitário a sua torre. Por que alhear-se à magna festa, por que não participar um pouco da universal alegria?

Fazia uma noite de muitas estrelas. Um tanto frio, as ruas estavam desertas, mas nas residências eram evidentes os indícios de Natal. Prosseguia o solitário, quando seus olhos se voltaram para o interior iluminado de uma vivenda.

Num relance, apreendeu todo o quadro. Sob os galhos em candelabro de um pinheirinho ornamentado de lâmpadas multicores, mandíbulas mastigavam; e mastigavam avidamente, numa glotonaria agressiva. À cabeceira da mesa, um velho erguia uma taça, bebendo com os olhos, antes de levá-la aos lábios. Gesticulando, aos berros, uma senhora teimava em manter à cadeira um garoto, que esperneava ruidosamente.

Afastou-se ligeiro. O espetáculo do egoísmo satisfeito, da estreiteza mental, da estúpida felicidade, fazia-lhe mal. Bem quisera dominar-se; em vão: aquilo despertava-lhe um sentimento de repulsa surdo, negro, intolerável.

AGORA estava no Largo da Matriz. Sentou-se num banco, sob a copa da amendoeira, deixando-se a olhar homens e coisas melancolicamente.

Blém-blém! Blém-blém!

Era o chamado para a missa do galo. Entrar na igreja? Durante minutos houve um movimento maior de fiéis, que chegavam apressados. Um grupo de rapazes passou gargalhando, o de suéter verde largou um palavrão. Jovem par de namorados ocupou o banco fronteiro. A amendoeira desprende uma folha seca, que veio tombando em silêncio... Foi quando, sintonizado no último ponto, um alto falante anunciou a mensagem de Natal do Presidente. Levantou-se, rumo à igreja, mas ainda pode ouvir:

“ – Brasil, nossa Pátria querida... terra abençoada pela Providência... na vanguarda das nações civilizadas... ano próspero e feliz... justiça social...”

Havia pelos bancos menos gente do que julgara. Na maior parte velinhas, desfiando “terços” num mover mecânico de lábios, sem perder o que se passava em torno. Ao fundo, no altar de flores artificiais, padre e coroinha eram desembaraçados – evidentemente despachavam a sua missa. Um vira-

lata surgiu e cheirava o tapete da mesa eucarística, quando foi vilmente escorraçado por uma devota.

A ausência de espiritualidade do ambiente e da cerimônia desinteressaram-no por completo. Foi olhar o presépio. GLÓRIA IN EXCELSIS DEO; ET IN TERRA PAX HOMINIBUS BONAE VOLUNTATIS, proclamava o dístico, sobre um róseo Menino-Jesus de celulóide.

Saiu pela porta da sacristia.

DE novo no Largo, sob o “refúgio” onde os bondes faziam ponto, indeciso no rumo a seguir, ficou-se a namorar a loura gentil no anúncio fluorescente de Coca-Cola no bar da esquina.

– ... porque ele nasceu em Belém! Aleluia!

Era um vulto andrajoso. Veio se aproximando. A resmungar, guinando ora para um lado, ora para outro, cai-não-cai, postou-se o bêbado no meio da rua. Sem largar a lata, de onde pedaços escuros se entornavam, entrou a discursar:

– Meus senhores e minhas ilustríssimas senhoras! Ele nasceu em Belém... Está lá... na Bíblia de Deus. Ele é o maior, o Rei dos Reis. O quê? Estão pensando que eu estou na água? Não estou não, meus irmãos. Eu sei perfeitissi...lamente. Não interessa! Eu sei o que estou dizendo. Eu sei. Jesus nasceu, esta noite em Belém. Aleluia! O lema dele é: Amor. Amor, meus irmãos, o resto é conversa! Esta humanidade é que não vale nada... não vale um caracol. Eu presto? Um cachaça é o que eu sou... Perdão, Jesus! Senhor Jesus, perdão! Mas eu confesso a verdade, não presto mesmo, está aí. E vocês não, seus canalhas... Dez vezes canalhas!

O bonde estacou em cima dele. O motorneiro queria passar com seu veículo: dlén-dlén... dlén-dlén... dlén-dlén...

– O que? Passa por cima! Vocês se acham bons, bons até demais. Canalhas de uma figa! Só Jesus é bom. O Natal não é nada disto que estão pensando. Eu sei o que estou dizendo. Não é, meus irmãos... O lema dele é: Amor, Amor! Sabe lá o que é isso? Aleluia! Ele nasceu em Belém, até os reis vieram adorar ele. Aleluia! Aleluia!

O motorneiro começou a imprecisar o orador; mais expedito, sem dizer nada, o condutor foi a ele e, tomando-o a jeito pelo braço, conduziu-o para a calçada com boas palavras.

O bêbado sentou-se docilmente no meio-fio. E na sua voz rouquenha, pôs-se a entoar fragmentos confusos de cânticos religiosos.

E estribilhava:

Que viva Jesus, no meu coração!

Que viva Jesus, no meu coração!

Então o solitário recolheu à sua torre. Singular paradoxo. Saíra de casa à procura do Natal e já desistia, quando enfim o surpreende entre gíria, álcool e trapos, na alma humilhada mas luminosa de um bêbado... E a seu ouvido repercutia ainda aquela voz empastada:

– **O Natal não é nada disto que vocês estão pensando. O lema dele é: Amor! Amor, meus irmãos!**

VI

OUTRAS IMAGENS

ODORES DA CIDADE

Pois também há cheiros nacionais? – dirá o leitor, – Que dúvida! Cada nação tem a sua crença, a sua língua, e o seu cheiro.

Herculano, *In* Lendas e Narrativas.

HÁ quem diga que o Rio cheira a mar. Não é de espantar, sendo a cidade toda cingida de água, engastada, como canta o poeta, “na dobra azul de um golfo pensativo”.

Se assim é globalmente, em detalhe tem o Rio muitos outros odores. Não me digam que a zona Sul não cheira a gasolina da profusão de “rabos de peixe”, “gostosões” e caminhonetas que rodam, dia e noite, na macieza de seu asfalto. E zona Norte, o esquecido subúrbio, não é de carvão de pedra dos trens sórdidos, o cheiro picante que paira na sua atmosfera enfumada e poeirenta?

POR sua vez, tem cada bairro personalidade odorífera. Deixemos os morros, onde se pendura a população mais pobre, nos milhares de barracos de tábuas e zinco, gente para quem só resta o consolo triste da cachaça, da macumba e do jogo do bicho... O morro não cheira; o morro – perdão pela crueza do verbo – o morro fede! Subam lá um dia, hora de sol a pino, e hão de ver, para vergonha da Cidade Maravilhosa, escorrendo ao ar livre, por valas cavadas pela chuva, ribanceira abaixo, entre lixo e varejeiras, a exalação berrante de águas servidas e dejetos humanos.

Não se inclui aqui o morro de Santa Tereza, evidente. Este é morro grã-fino; e o conforto escoia civilizadamente as suas necessidades. Santa Tereza cheira a mato. Ora, quem de tal modo distraído, que viajando no ferro-carril da Carioca, Arcos afora, França, Silvestre, o olhar perdido no cenário panorâmico da **urbs** não se apercebe desse cheiro de verde, a que se casa o aroma das flores invisíveis, a umidade dos grotões, inserindo no presente fragmentos afetivos do passado?

Esse mesmo cheiro se encontra na Tijuca. Não, certo, logo às imediações da Praça Saenz Peña, logradouro civilizado, mas à medida que se vai alcançando o Alto da Boa Vista. E mais ativo, talvez que em Santa Tereza, cheiro de mato virgem, vindo dos esplêndidos maciços verde-oliva das montanhas que Alencar adorava...

Já o centro tem outros odores. A zona do comércio atacadista, vielas de feição colonial, onde pombos esvoaçam entre as pernas dos transeunte a comer o milho caído dos sacos, exala um cheiro de cereais, de charque, de especiarias e tabaco, numa sugestão gorda de satisfações alimentares. A Esplanada apresenta um odor subjetivo. Zona ministerial, tresanda a burocracia. Na Cinelândia é a fragrância dos perfumes franceses das **jeunes filles** e balzaquianas desnudas, axilas giletadas, não esquecendo o **odor di femina**... O Catete, com suas mobiliárias, umas geminadas às outras, cheira a cola e verniz. Um pouco antes, a Glória e a Lapa – sabem-no os rapazes – cheira a pecado, apesar das proximidades do paço arquiiepiscopal e do templo positivista...

Estes os odores cotidianos. Pelas festas, a cidade se impregna de odores próprios da ocasião, característicos da festividade. No Carnaval, por exemplo, seria inverdade dizer que a Metrópole não faz uma parada de odores. No primeiro dia tudo limpo ainda, é até apazível aspirar o quase aroma do cachorro-quente, das belas maçãs e peras em tabuleiros na rua; nos dois últimos, porém, é preciso ter pervertido o olfato para não sufocar em meio à multidão, cadinho de cheiros, bodum à milésima potência... Depois, na Semana Santa, as igrejas exalam incenso. No meio do ano, pelas festas joaninas, não se goza o cheiro da batata doce, que não se acendem fogueiras na cidade. Mas um cheiro de pólvora queimada, dos fogos, erra à toa no ar nas noites estreladas de balões. Natal? Pelo Natal, quando os cachos inodoros das acácias decoram jardins domésticos e o braseiro dos **flamboyants** arde nas praças, mergulha a cidade num odor complexo de bons negócios, azáfama, dinheiro fácil, presentes e castanhas...

ENTRE os odores da cidade, tais e tantos, qual o de sua gente? O carioca, pode-se afirmar sem receio de falsa fisiologia, o carioca não tem cheiro. Que cheiro, de resto, pode ter um povo que, sufocando num calor de 40º à sombra, vive sob a orgia do chuveiro ou seminu, como peixe, na praia?

NOITE BRASILEIRA

Essa criança é que chamavam de Macunaíma.

Mario de Andrade, *In Macunaíma.*

ABRO a janela. A noite é um escândalo de luzes. Na abóbada negra ardem as estrelas, a Via-Láctea é um rastro de prata pelo espaço abismal. Lá anda a Lua a passear o seu São Jorge a cavalo matando o Dragão à lança... Lá está o Cruzeiro, lá estão as Três Marias...

Estou descobrindo a noite brasileira. Quanto tempo me foi preciso! É uma tirana a cidade; sem o pressentirmos, defrauda-nos miseravelmente. Como se está bem aqui. Noite amiga, noite da cidade pequena entre montanhas, deixe-me contemplar-te, que eu quero te aspirar, ouvir, possuir de todas as formas, por todos os sentidos. Quero identificar-me contigo, ó noite dos trópicos, voluptuosa noite brasileira!

QUE digo? Este silêncio, esta paz é pura aparência. Que a noite é tão dinâmica quanto o dia, e talvez mais. Apenas a noite é tímida, cheia de pudor é a noite. Este cheiro vem da mata... Chega-me o murmúrio do vento nas folhas das palmeiras, à encosta do morro. Um ruído mais forte... Eu sei, foi o milagre que se realizou – uma semente desprende-se do fruto entreaberto, fecundando a Terra-Mãe, e a Natureza inteira estremeceu à íntima alegria criadora.

Misteriosa, misteriosa como um ovo, assim fecunda é a noite... Que de labor obscuro não vai por esses ermos e gerais, império da saúva e do cupim; por essas serras de ferro e ouro, vestidas de samambaia, à espera dos novos bandeirantes; por esses rios-mares cujos **HP** dariam para mover universos; por essas florestas, virgens de presença humana, desde o dia do Gênesis; por esse mundão, enfim, aonde Deus não andou. Luzinha vermelha piscando na treva... Certamente é o Saci, na sua única perna, a implorar fogo para o cachimbo ao caminhante noturno. Mas esse tilintar surdo de cadeias... Alguma rês esguritada? Certo é a mula-sem-cabeça, a mulher do padre, a cumprir seu fadário, castigo de feio pecado... Senhora da Aparecida, perdão para o pobre de Cristo!

E em meio a tanta riqueza, só o filho da terra é miserável. A esta hora, numa tapera à beira de um riacho, Jeca Tatu e Rosinha Poca, alimentados à farinha, entre trapos, procriam a futura raça do Brasil. Vejo crianças seminuas, de

ventres enormes, crescendo roídas pela verminose. Têm seis, sete anos; dir-se-ia que têm três ou quatro. Felizes os que morrem anjinhos! Vejo caboclos analfabetos, em réguas apertadas, representando inconscientes a comédia do voto livre. “Nóis votemo em “seu” coroné praque ele é nosso protetô”. Explorados, e ainda são agradecidos! Olhai os rostos amarelos; todos impaludados. E as mulheres, máquinas de filho, no eito, de sol a sol, para que os filhos do coronel farreiem na capital – futuros chicanistas do direito, charlatões da medicina... Doutores! E as cabrochinhas, se não se guardarem, servirão para a luxúria dos meninos bonitos. Vejo a ignorância, levando ao fanatismo, endoidando populações inteiras, atrás de taumaturgos de camisolão ou sotaina. Vejo a indolência agravando a pobreza, tornando-se em miséria, descendo ao último grau... Cachaça, cachaça, cachaça para esquecer! Onde está, Euclides, onde está o teu sertanejo, “antes de tudo, um forte” ?

ESTRELA cadente riscando o céu... Apagou-se. Não; é um sacrilégio manchar de pessimismo a beleza desta noite. Faz de conta, por um instante, que o mal foi banido do mundo. A noite cobre tudo. Somos de ontem. Um dia venceremos a feracidade desta natureza sem igual, comungaremos com ela, ela conosco; um dia nossos oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados serão habitáveis, e não constituiremos cinquenta, mas quinhentos milhões sobre a terra generosa. A extrema juventude é o nosso mal; Macunaíma, herói sem nenhum caráter. Ainda não nos achamos, como havemos de ser senhores? Um dia, um dia! Então não temos o Porque-me-ufanismo e a nossa Proverbial Cordialidade? Não temos o Futebol e o Carnaval? Não somos todos doutores e oradores natos? Além do que, Deus é brasileiro!

OURO PRETO

Aqui outrora retumbaram hinos.

Raymundo Correa, Saudades, *In* Poesias.

NA penumbra do quarto de hotel, de cortinas descidas, acordo tarde ao som de sinos. Suspendo a janela em guilhotina para saudar a manhã.

Delicioso panorama! Emoldurando-se no retângulo da janela, todo um trecho ensolarado da cidade vem oferecer-me a visão de torres, aos pares, crescendo para o céu acima da linha regular do telhario, ou solidamente pousados no corpo das igrejas; e fundos de velhas casas, unidas umas às outras, de beirais salientes, penduradas em declives; e lá adiante, numa suave inclinação verdoenga, uma ponte com qualquer coisa que, a princípio, na distância, não distingo o que seja, mas logo identifico como um cruzeiro de pedra... Ei-la, a lendária Ouro Preto, que ontem, quando cheguei, negava entregar-se, embuçada na noite e na chuva! Ei-la, a Vila Rica dos inconfidentes, dos vice-reis gerais, do Aleijadinho, do amor desgraçado de Dirceu e Marília, a cidade do ouro!

Embevecido, arrebatado, fico-me a murmurar: "Ouro Preto! Ouro Preto!", possuído de uma emoção que não sei penetrar, que não quisera mesmo penetrar para não dissolver o encanto deste momento, mas apenas vivê-la, deliciar-me nela, o que meu espírito concentra nas sílabas cerradas, encardidas como antigas fachadas, dessas mágicas palavras: "Ouro Preto! Ouro Preto!"

MAS não é de uma janela de hotel que se conhece uma cidade, e muito menos Ouro Preto, de tão funda perspectiva histórica. Tomado o café, apresso-me em ver, e mais que em ver, tocar, aspirar de perto "a **urbs** gloriosa e pobre".

– Moço, ó moço, quer que lhe mostre a cidade? oferece-se um mineirinho de pé no chão.

– Você é cicerone?

– Como ?

– Não, não. Obrigado, amigo.

A aleluia dos sinos continua na manhã de domingo... Foi boa a chuva de ontem, lavou a cidade. Onde? Conheço, conheço este cheiro que a brisa me traz. De que? Conheço-o. Lenha. Sim lenha queimando em algum fogão, na larga cozinha de um desses sobrados de sacada de pedra-sabão, trabalhada como renda... Maravilhosa manhã! Para passeá-la, só para isto, merecia viajar quilômetros... Eis o prazer tantos dias sonhado. Agora sou um turista, entre

muitos, ora perdendo-me nos becos, ora subindo e descendo ruelas de tortuoso empedramento, sonoro sob os pés, que de polido e escorregadio me obriga em certos trechos a buscar a calçada para me agarrar às paredes de velhas pedras ásperas, patinadas pelo tempo. Na verdade é não ter imaginação, ou lê-la à maneira daqueles cujos prazeres são apreciáveis apenas pelo que lhes custam em dinheiro, contratar um guia para estas coisas. O delicioso é sair assim, à toa, ao léu, sem roteiro, fazendo descobertas e topando imprevistos. Aqui parando em frente a um oratório abandonado ou a um chafariz para olhar um par de golfinhos ou decifrar uma inscrição do tempo do Conde de Bobadela; ali deter um desconhecido para perguntar onde fica a “Casa dos Contos”; mais abaixo ou mais acima entrar numa igreja, admirar ícones e tetos, altares e púlpitos, sem esquecer de dar um salto à sacristia; enfim, impregnar-se de todas as manifestações de arte barroca do Aleijadinho e seus discípulos, arte a um tempo venerável e pícara, e só ao fim – detalhe ocioso – saber que esta se chama a igreja de Nossa Senhora do Pilar, a matriz; aquela de Santa Efigênia do Alto da Cruz; aquela do Senhor Bom Jesus do Matosinho. Curioso mas onde o povo desta cidade? Janelas desertas, silêncio; lá está um cão naquela soleira, lá vai um soldado caminhando sem pressa na sua farda cáqui. Por aqui andou o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Daqui, e não do Ipiranga, com tantos anos de atraso, partiria o grito de “Independência ou Morte”. Sonhos... Cinzas... Comércio nenhum. A fita que se exhibe no cinema modesto já a vi há mais de um ano no Rio. Cidade morta. Vivo aqui, só o passado. Nas fisionomias, nas próprias fisionomias, há um ar de século XVIII, que elas não sabem. Nas noites de lua, o espetáculo desta cidade-relíquia deve ser fantástico. Bem o sentiu Bilac no terceto famoso:

Como uma procissão espectral que se move...

Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...

Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.

– **J**ABUTICABA! Jabuticaba! É da boa!

Detenho o tropeiro que desce a ladeira tangendo um burrico. Inclino-me para uma das cangalhas; está cheia de jabuticabas enormes, de casca negra e reluzente.

– E como é isso, amigo?

– Um cruzeiro o caneco. Leve, que é puro mel, meu senhor.

Meio dia. Então retorno ao hotel, saturado de passado, cansado – cansado mas feliz – estalando jabuticabas entre os dentes...

ORELHAS

A CRÍTICA OPINA SOBRE XAVIER PLACER

A característica dominante deste autor é a sua sensibilidade. Lendo-o, tem-se a impressão de alguém que está sempre com o sentimento poético em estado de vigília ante todas as coisas. Sendo uma autêntica natureza de artista, a sua visão está sempre alerta para captar o que de imaterial possa existir nos movimentos e episódios dos seres humanos.

Alvaro Lins.

... Xavier Placer, narrador equilibrado de uma luta interior (não importa de que modo) sem esse longo e fastidioso consumo de tinta e papel.

Guilherme Figueiredo.

Quem já venceu no conto e no romance, vencerá sem dúvida na "crônica da cidade", assim altamente estilizada! Julgo que, dos novíssimos, o niteroiense Placer é um dos mais garantidos...

Adelino Magalhães.

Assistimos, assim, à estréia auspiciosa de um Xavier Placer que nos ofereceu um livro denso de surpreendentes qualidades: "A Escolha".

Waldemar Cavalcanti.

... Há páginas neste "Doze Histórias Curtas", que revelam as armas de um escritor já seguro.

Eloy Pontes.

Além disso, temos aqui um escritor muito jovem que já se mostra seguro do idioma e possuidor de um meio de expressão a que podemos chamar, sem favor, de estilo e de bom estilo.

Brito Broca.